JULIO CAMPINA

SUBSIDIO AO FOLK-LORE BRAZILEIRO

Anecdotas sobre caboclos e
portuguezes; lendas, contos e canções populares; etc.

I

CAPITAL FEDERAL

Papelaria Mendes, Marques & C.—Rua do Ouvidor n. 38

1897

398.0981
C196
s

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL
Este volume acha-se registrado
sob. número 3227
do ano de 1974

AOS AMIGOS

Fructuoso Calaça
Pedro Cavalcanti de A. Pessoa
Joaquim Goulart de Andrade
Antonio Alves

OFF.

L. T. C. A.

AO LEITOR

Das viagens que ha alguns annos fizemos em plagas sertanejas do norte da Republica, além das gratas reminiscencias da nossa convivencia com seus habitantes e da recordação das bellezas desses logares, resta-nos uma collecção, que conseguimos fazer, de um consideravel numero de canções, historias da carochinha, lendas, prophecias, superstições, dictados, rezas, de muitos dos assumptos, emfim, que dizem respeito ao nosso *Folk-lore*.

Neste campo immenso, onde têm exercitado a sua actividade abalisados mestres, como Couto de Magalhães, que iniciou o *Folk-lore* brazileiro em 1859, Celso de Magalhães, que publicou uma obra desse genero em 1863, Sylvio Romero, Macedo Soares, José de Alencar, Araripe Junior, José Verissimo, Koseritz, etc., etc., muito existe ainda que investigar. Assim, apezar da nossa incompetencia, resolvemos publicar uma obra com os elementos que reunimos, dando de uma só vez á luz da publicidade o fructo de todas as nossas investigações.

Circumstancias diversas, porém, têm adiado mais e mais o dia em que deviamos ver executado o nosso intento, e desta fórma, afim de não serem completamente baldados os nossos esforços, decidimos realizal-o em varias publicações, começando pelas anecdotas sobre caboclos.

Quem não haverá ainda, uma vez sequer, durante uma conversação amistosa e divertida, ouvido referir,

com geral hilaridade, alguma das anecdotas em que figura o caboclo, narrada muito a proposito do facto sobre que discorriam?

E' dessas anecdotas que se compõe a presente collecção.

O typo que ellas pintam e por meio da tradição immortalisam, é revestido de curiosas qualidades, muitas vezes antagonicas. O caboclo, segundo taes anecdotas, com a sua grande aptidão para companheiro de viagens e o notavel apreço em que têm o alcool, é descripto ora como o typo perfeito do ingenuo e do credulo, ora como o do homem perspicaz e bem avisado; umas vezes como o typo do ignorante, do supersticioso, do mentiroso, outras como o do previdente, do desabusado, do amigo da verdade, etc.

E' assim que sempre delle se lembram os nossos camponios e sertanejos em suas conversas, recordando as anecdotas que a seu respeito são citadas.

Escrevendo estas, procurámos sempre fazel-o com a linguagem apropriada e expressiva em que nos foram narradas. Não póde ser, porém, um trabalho escoimado de defeitos o que ora apresentamos, e, sendo nós os primeiros a reconhecel-o, muito nos alegraremos se mais tarde pudermos corrigir alguns, quando conseguirmos a publicação das demais tradições populares que havemos colligido.

Julio Campina.

BIBLIOTECA
SENADO FEDERAL

ANECDOTAS SOBRE CABOCLOS

(Alagôas e Pernambuco)

I

Quem quer mentir confirma só

Um individuo, regressando d'uma viagem que fizera em companhia d'um caboclo, resolveu, para divertir-se, ir adiante contando casos fabulosos, devendo ir depois os confirmando o caboclo.

Aceitando este a incumbencia, os dois separaram-se.

Encontrou-se o tal individuo com umas mulheres, e contou-lhes que tres dias antes, n'uma villa por onde havia passado, tinha nascido um menino com sete braços.

Ficou sendo objecto de commentarios esta noticia, e, quando chegou o caboclo, sendo lhe perguntado se tambem tinha visto a criança, elle respondeu logo que não, mas declarou que vira n'um coaradouro estendida uma camisinha com sete mangas.

Em vista desta affirmação do caboclo, julgaram provada a existencia da tal criança, pois semelhante camisa devia ser della.

Adiante, encontrando o citado viajante outras pessoas, contou-lhes que pela mesma villa tinha passado um passaro tão grande, que a escureceu com a sombra das azas.

Chegando d'ahi a pouco o caboclo, respondeu a interrogação que lhe fizeram, dizendo que não vira a ave, mas tinha visto cem homens, armados de *levas* (*), estarem rolando um ovo para uma lagôa.

Este facto fez ser tida como exacta aquella segunda noticia, pois semelhante ovo não podia ter sido posto senão pela mencionada ave.

Mais adiante contou ainda o viajante que vira atirar n'um boi e a bala pegar na cabeça e no mocotó.

Este facto deixou admirados e duvidosos a quantos o ouviram, que logo indagaram do caboclo, apenas este foi passando, si tambem havia presenciado isso, o que o fez ficar desta vez atrapalhado.

Por fim, depois de pensar, respondeu:

— O tiro eu não vi dar, mas podia a bala ter pegado quando o boi estava coçando a cabeça...

Dito isto, correu o caboclo a encontrar-se com o amo.

Quando avistou-o, já estava elle pregando outra mentira a um sujeito.

O caboclo, esbaforido, gritou-lhe:

— Meu amo, quem quer mentir confirma só: caro me custou ajuntar cabeça com mocotó.

II

O caboclo e a rede

Um caboclo, grande apreciador da *pinga*, entrou n'uma venda com uma rede resolvido a negocial-a.

— Quanto queres pela rede? perguntou-lhe um freguez da casa.

— Dois mil réis, meu amo.

O pretendente, querendo comprar o objecto por muito menos, buscou embriagar o caboclo e offereceu-lhe um copo de aguardente, que elle esvasiou d'um trago.

(*) Espeques.

Pediste muito, replicou em seguida o comprador. Dize o menos por quanto vendes a rede.

— Tres mil réis, meu amo, respondeu o caboclo.

— Como póde ser isto, se já pediste dois?! Toma este outro copo de aguardente.

O segundo copo foi tambem esvasiado.

— Falla serio, caboclo! Por quanto deixas a rede?

— Já bebi o que queria, senhor meu amo. Agora não vendo mais.

E, saciado, o caboclo poz a rede ao hombro e retirou-se, deixando logrado a quem o pretendera lograr.

III

O caboclo medroso

Passando uma tarde um caboclo por uma fazenda, aconselhou-lhe um vaqueiro que não continuasse a viagem nesse dia, por causa das onças que existiam, e que ultimamente estavam fazendo estragos no gado.

— Ora, ora! respondeu o caboclo. Eu não tenho medo de onça.

E continuou a andar.

Adiante o vento tirou um som d'uma cabaça que elle conduzia nas costas.

O caboclo, que já ia se deixando dominar do receio de ser victima, exclamou:

— Olhe! O diabo da onça já está roncando.

Pouco depois, de novo tirou o vento identico som da cabaça.

— O diabo da onça quer me pegar! disse o caboclo atemorisado.

E desatou a correr pela catinga.

Com a deslocação violenta do ar, mais forte e continuo se tornou o ruido que produzia a cabaça, e o

caboclo, acreditando que a onça se approximava, mais accelerava a corrida.

Mais adiante, porém, tropeçou e foi ao chão.

Convencido então de que já não se salvaria correndo, conservou-se deitado, disposto a dar prova do animo de que era capaz.

E poz-se a exclamar, com a maior convicção e resolutamente:

— Come, onça! que comes filho de homem!...

IV

Para andar a pé caboclo, cachorro e quem não tem cavallo

Certo individuo, tendo de fazer uma viagem para uma villa, convidou um caboclo para acompanhal-o.

Não tendo o caboclo nenhum animal cavallar, partiu no dia ajustado a pé, acompanhado de um cão, e o viajante seguiu adiante a cavallo.

Depois de andar um pouco, o viajante fez uma parada. Julgava elle vir bastante distanciado o caboclo, quando, olhando para traz, viu-o perto com o cão ao lado.

Ficou um tanto admirado o viajante, e seguiu de novo. Havendo marchado durante o resto do dia um pouco mais ligeiro, parou em uma pousada, afim de pernoitar.

Pouco depois chegaram o caboclo e o cão, o que augmentou a admiração do viajante.

Este, no dia seguinte, logo cedo, montou-se a cavallo e partiu com celeridade, só ao meio-dia parando para almoçar.

— Agora, pensou elle, o caboclo ha de custar muito a chegar.

E reclinou-se para descançar.

Com pequena demora, porém, appareceu-lhe o caboclo acompanhado do cão.

Desta vez foi grande a sua surpreza.

— Homem, exclamou, para andar a pé não ha nada como caboclo e cachorro!

O caboclo ouviu e calou-se.

No terceiro dia aconteceu que, como era fraco, o cavallo cançou, e o viajante teve de continuar a viagem a pé, em companhia do caboclo.

Caminharam bastante e por fim avistaram a villa.

Quando já se achavam perto desta, o caboclo estava visivelmente satisfeito.

E disse então ao viajante:

— Hein, meu amo?... Para andar a pé, não ha nada como caboclo, cachorro e quem não tem cavallo!!

V

O caboclo paroleiro

Um fazendeiro, enfadado de ouvir fallar incessantemente um caboclo muito paroleiro, disse-lhe:

— Caboclo, conserva-te calado durante uma hora que eu dou-te o meu cavallo de sella.

— Pego na palavra, meu amo, respondeu o caboclo muito contente.

— Pois estejas calado a principiar d'agora até decorrer uma hora, e o cavallo é teu.

O caboclo, ficou mudo. Alguns minutos depois, porém, via-se claramente que uma idéa trabalhava em seu cerebro. Ficou meditativo, como quem estava resolvendo um grave problema. Por fim, ainda não eram decorridos quinze minutos, perguntou:

— Mas, meu amo, eu ganho o cavallo já sellado e enfreiado?...

VI

Nem o diabo lhe aguenta os azeites

Um individuo, andando de viagem, teve de demorar-se algum tempo n'uma villa, e ahi principiou a namorar com uma donzella, travando depois relações com o pai desta e frequentando-lhe a casa.

Um dia foi convidado pelo pai da moça para apparecer em sua residencia. Não se dispondo o namorado a acceitar d'esta vez o convite, disse a um caboclo que o acompanhava, que fosse lá e dissesse ao dono da casa que elle não podia ir porque estava muito occupado com aprestos de viagem.

Ouvindo isto, perguntou o caboclo, que não o via occupado com serviço nenhum:

— Mas, porque é, meu amo, que *vamicê* mesmo não vai?

— Eu não vou, caboclo, porque elle é muito bom, não se pouparia a incommodos para me obsequiar, e eu não quero incommodal-o tanto.

— Isto agora é que me faz não pizar na casa! replicou o caboclo, desconfiado. Emquanto *vamicê* não gosta das suas bondades, nem o diabo lhe aguenta os *azeites!*

VII

Aguardente sem mistura...

Viajava um individuo em companhia d'um caboclo, e chegaram á margem d'um rio, que, em razão de abundantes chuvas que haviam cahido, estava com grande correnteza.

Ahi o caboclo mostrou-se bastante receioso de fazer a travessia, e o viajante offereceu-lhe aguardente afim de animal-o.

— Meu amo, disse então o caboclo, esta aguardente é boa ?

— Porque pergunta isto, caboclo ?

— Pergunto, respondeu o companheiro do offertante, porque não ha nada no mundo que me faça querer na barriga aguardente com agua !

— Podes beber, que esta aguardente não tem mistura de especie alguma.

Em seguida a estas palavras, o caboclo bebeu mais de quarteirão.

Pouco depois o amo perguntou-lhe :

— Então, caboclo, ainda tens medo ?

— Não, meu amo. Eu não tenho medo !

— Muito bem. Pois entra na canôa.

— Agora isto é que nem por nada...

— Por que razão, caboclo ?

— Porque, se eu cahir no rio, a aguardente que tomei se mistura com agua na minha barriga !

VIII

O caboclo e a locomotiva

Conversando um sujeito com um caboclo, disse-lhe que o rapido movimento das locomotivas é produzido pela agua e o fogo.

O caboclo ficou bastante admirado.

— Estás duvidando, caboclo ? perguntou-lhe o sujeito.

— Não, meu amo. Estou só pensando que, se *o cousa* anda tanto com agua e fogo, quanto mais se fosse com fogo e azeite !...

IX

No tempo em que eu era vivo...

Ia a cavallo um viajante por uma estrada e viu um caboclo escanchado n'um galho d'uma arvore, a separar o mesmo galho do tronco.

— Caboclo, disse-lhe o viajante, si cortares assim este galho, tu cahes com elle !

O caboclo não ligou importancia ao aviso, e continuou o seu trabalho, até que foi ao chão com o galho.

Então ergueu-se, e correu a encontrar-se com o viajante, que alcançou minutos depois.

— Meu amo, ó meu amo ! exclamou. *Vamicê* adivinha !

—Porque, caboclo ?

— Porque *vamicê* disse que eu cahia mais o ramo, e eu cahi mesmo !

O viajante riu-se e o caboclo continuou :

— Agora, meu amo, adivinhe quando é que eu morro...

— Quando o meu cavallo obrar tres vezes, respondeu o viajante, chocoteando da ingenuidade do caboclo.

Este, entristecido por estar tão proximo o termo dos seus dias, foi acompanhando o viajante.

Adiante o cavallo defecou.

— Meu amo, gritou o caboclo, estou sentindo uma dôr nas tripas !,..

O viajante riu-se, e continuou a marchar. Mais adiante o cavallo defecou novamente. O caboclo apertou a barriga com desespero, como si estivesse atacado de terriveis colicas, e disse :

— Meu amo, é agora, vou morrer !

O viajante riu-se de novo, e continuou a seguir.

Algum tempo depois, defecando o cavallo outra vez deu um grito e cahiu redondamente o caboclo.

O viajante, rindo-se sempre, continuou indifferentemente a andar.

Momentos depois, passam dois homens e encontram o caboclo estendido na estrada. Depois de o chamarem, sem obterem resposta, e de o sacudirem, sem que o caboclo désse signaes de vida, resolveram conduzil-o para a villa proxima.

Iam levando-o n'uma rêde, quando chegaram á margem d'um rio, onde puzeram-se a combinar por onde seria mais facil passal-o.

— Devemos atravessar por alli, dizia um.

— Não, é melhor ir mais á direita, dizia o outro.

Então o caboclo, pondo a cabeça fóra da rêde, disse:

— No tempo em que eu era vivo, passava por acolá...

E, depois de apontar com a mão o ponto a que se referia, recolheu-se de novo ao interior da rede.

E' bem de ver que os dois conductores desenvencilharam-se de tal defunto, e seguiram seu caminho.

X

Uma aposta de caboclo

Um caboclo, voltando d'uma pesca, chegou á casa d'um sujeito com umas trahiras n'uma fieira.

— Meu amo, disse elle, se *Vosmecê* adivinhar quantas trahiras tem aqui, *Vosmecê* ganha as doze trahiras.

— Tem doze, caboclo.

— Adivinhou, meu amo; ganhou as trahiras.

Alguns dias depois appareceu o caboclo em casa do mesmo sujeito, levando um sacco d'onde partiam miados de ensurdecer.

— Meu amo, eu querò fazer uma aposta. Si *Vosmecê* adivinhar que bichinho tem dentro d'este sacco, ganha o meu cavallo, e, si não adivinhar, perde o seu cavallo.

— Ganhei, caboclo: é um gato.

— Pois não é não, meu amo; é uma gata.

O caboclo ganhou o cavallo.

XI

Sem mel, sem cabaça

Um caboclo foi tirar o mel de uma colmeia que descobrira na matta, encheu com elle uma grande cabaça, e vinha regressando para a sua habitação.

Caminhava muito contente, quando observou que pela sua roupa ia se deslisando um fio de mel.

Não havia duvida: a cabaça estava vasando o seu conteúdo, o que absolutamente não fora previsto pelo caboclo.

Ia este, portanto, arriscado a chegar em casa com a sua provisão de mel bastante reduzida, e preoccupou-se com o caso.

Buscando tomar providencias, sómente duas vinham-lhe á mente: *comer* o mel, ou quebrar a cabaça.

Conservou-se, porém, indeciso durante algum tempo, sem saber qual dellas devia adoptar.

Finalmente, continuando a derramar-se o mel, que elle, aliás, apezar do seu bom desejo, não poderia de uma só vez accommodar no estomago, decidiu-se pela segunda medida, e quebrou a vasilha, arremessando-a a um tronco.

E só então, tendo ficado sem o mel e sem a cabaça, continuou a andar satisfeito e tranquillo.

XII

O caboclo e o penitente

Existia um sujeito que todos os domingos, depois da missa, voltava para casa, distante da villa mais ou menos meia legoa, andando de joelhos.

Um caboclo, tambem vinha todos os domingos á villa, ficava sempre muito penalisado ao encontrar-se com esse penitente.

Um dia, indagando a razão daquelle supplicio, soube que o tal sujeito cumpria uma penitencia que lhe tinha sido imposta, afim de ir para o céo quando morresse.

No mesmo dia encontrou-se o caboclo com o referido individuo, que ia cumprindo a sua pena, e marchou para elle, armado d'um pesado cacete, já em attitude de atacal-o.

— Que é isto, caboclo?! que é isto?!... exclamou atemorisado, o penitente.

— E' para *vamicê* alcançar logo o que quer, disse o caboclo, com solicitude.

— Deixa disto! Não faças tal! bradou de novo o ameaçado.

— Ora se faço! retorquiu o caboclo, firme em executar a sua piedosa intenção. *Vamicê* morre agora, fica livre de penar tanto, e vai logo para o céo!

E dispoz-se a vibrar o primeiro golpe.

Não padece duvida que o penitente, ante a inabalavel resolução do caboclo, ergueu-se immediatamente, declarando-lhe que desistia da sua pretenção de ir para o paraiso.

XIII

Nem com um, nem com outro...

Chegando um caboclo á margem d'um riacho bastante fundo, que tinha de atravessar andando sobre uma estreita pinguela, teve receio de não passar sem algum accidente, e poz-se a meditar.

— Se eu digo, pensou elle, que passo com Deus, o diabo se zanga e me sacode dentro d'agua; se digo que passo com o diabo, Deus se zanga e me sacode dentro d'agua. Assim, vou com um e com outro.

Isto assentado, o caboclo poz um pé sobre a pinguela e disse:

— Este é com Deus.

Em seguida collocou o outro pé sobre a mesma pinguela, dizendo:

— Este é com o diabo.

E continuou a andar, repetindo alternadamente a cada passo:

— Este é com Deus.

— Este é com o diabo.

Por fim, chegando á extremidade opposta da pinguela, deu um pequeno pulo e pisou em terra:

— Nem com um, nem com outro!... exclamou então, satisfeito de haver passado incolume, o precavido caboclo.

XIV

O caboclo e o amo pachola

Certo individuo, que viajava levando um caboclo como pagem, tinha de ir pernoitar em casa de um fazendeiro, que tinha filha cuja sympathia elle deseja attrahir.

Querendo, pois, fazer lá figura, disse o viajante ao seu pagem:

— Caboclo, na casa onde vamos hoje pousar eu te pedirei uma camisa para mudar a que trago vestida. Como só tenho mais uma, tu a retires da mala, e me perguntes se é essa, ao que eu responderei que não. Então tu a ponhas na mala, e depois a retires novamente, perguntando-me se é essa outra. Eu direi ainda que não, e tu repitas o mesmo, até se completar uma duzia e eu direi que é essa.

— Sim, senhor, meu amo, respondeu o caboclo.

A' noite, com effeito, depois de terem obtido pousada, o viajante ordenou, na presença dos donos da casa:

— Caboclo, dá-me uma camisa, para eu mudar esta.

O caboclo abriu a mala e tirou a camisa que lá havia.

— E' esta, meu amo? perguntou.

— Não, caboclo, a outra.

O caboclo poz de novo a camisa na mala, fingiu remexer nesta, e retirou a mesma camisa, perguntando ainda:

— E' esta, meu amo?

— Não, caboclo, a outra, respondeu novamente o viajante.

O caboclo foi continuando a guardar e a tirar a camisa, fazendo a mesma pergunta e obtendo identica resposta, mas aborrecendo-se visivelmente com semelhante trabalho.

Na sexta vez, elle puxou a camisa e apresentou-a, perguntando sempre:

— E' esta, meu amo?

— Não, caboclo, respondeu ainda o viajante, a outra!

— Ora, meu amo! disse então o caboclo, sem poder conter mais a sua impaciencia. Fique logo com esta, que já não é pouco d'uma camisa só fazer meia duzia!!...

E entregou ao viajante, que facilmente se imagina como ficou.

XV

O caboclo poeta

Viajando um sujeito com um caboclo, este se acordava sempre muito cedo, afim de proceder aos trabalhos necessarios para a continuação da viagem.

Tendo um dia madrugado o viajante, que ordinariamente só despertava pouco antes da hora da partida, e encontrando o caboclo já acordado, disse-lhe, gracejando:

— Este caboclo é poeta! Gosta de todo dia ver o sol nascer e os passarinhos cantarem...

— Ora! ora! retrucou o caboclo, um pouco enfadado. Poeta é isto? Então o meu amo tambem ficava poeta, se tivesse de ir toda manhã nos pastos procurar seu cavallo.

XVI

O caboclo e o velho beato

Foi o amo de um caboclo ouvir missa em uma egreja, e o caboclo o acompanhou.

Este poz-se a mirar um crucifixo, penalisado, e perguntou ao amo em seguida:

— Meu amo, quem foi que matou Christo?...

— Deixa, caboclo! deixa! respondeu-lhe o amo enfadado.

O caboclo, porém, voltou a contemplar a imagem, e pouco depois perguntou novamente:

— Hein, meu amo, quem foi que matou Christo?

Obtendo a mesma resposta, o caboclo repetiu a pergunta algumas vezes, até o amo, para ver-se livre de tal importunação, respondeu-lhe, indicando um velho que, ajoelhado, batia fortemente nos peitos:

— Foi aquelle velho, caboclo.

— Ah! Foi aquelle malvado?! exclamou o interrogante.

E foi postar-se á porta do templo.

Finda a missa quando o referido velho se retirava, o caboclo vibrou-lhe tão rijas cacetadas, que prostrou-o por terra.

O povo, irritado, cercou então o caboclo.

— Porque fizeste isto, malvado!? exclamaram varias vozes.

— Ainda pergunta? respondeu o caboclo. Foi para vingar Christo.

— Leva o caboclo para a cadeia! Leva! exclamaram novas vozes, cada vez mais irosas.

N'isto, examinando-se o velho, descobriu-se que este trazia amarradas aos joelhos duas imagens do Crucificado.

Os religiosos homens, espantados, viram n'isto um sacrilegio.

— O caboclo tem razão! Solta elle! exclamaram então, indignados com o velho.

E o caboclo foi solto.

XVII

Muita cousa quer meu amo

Querendo um sujeito ensinar a um caboclo, que estava a seu serviço, a ser diligente e sobrio, recommendou-lhe que comesse pouco, não bebesse, trabalhasse sempre e vivesse satisfeito. Ao mesmo tempo tomava as medidas necessarias para obrigar o caboclo a seguir essas prescripções.

Uma occasião estava o caboclo muito sorumbatico, e o sujeito advertiu-o, dizendo-lhe:

— Que tens tu, caboclo? Vai fazer algum serviço na horta, e deixa de andar assim!

Então o caboclo enfadou-se, e respondeu-lhe:

Muita cousa quer meu amo
D'um só moço que lhe serve:
Comer pouco, andar contente,
Não beber, viver alegre!

XVIII

O caboclo e o filho mentiroso

Uma vez um caboclo e um fazendeiro resolveram verificar qual dos dois tinha mais geito para forjar uma mentira, e marcaram um dia para cada qual dizer uma, ganhando um cavallo o auctor da mentira maior.

O caboclo foi para casa, e, depois de inutilmente procurar um meio de sahir vencedor, ficou visivelmente triste.

Perguntando-lhe um filho a razão disso, o caboclo contou a aposta que fizera com o fazendeiro.

— Ora, meu pai, é por isto só? disse o filho do caboclo. Pois meu pai deixe-me ficar só em casa, que eu converso com elle.

O caboclo assim fez.

No dia aprazado, o fazendeiro appareceu, e, não encontrando o caboclo, perguntou ao filho deste:

— Menino, para onde foi teu pai?

— Meu pai, respondeu promptamente o filho do caboclo, foi hoje abrir um cortiço, e começou a contar as abelhas. Quando acabou de contar faltava uma. Então foi procurar a abelha no matto, e descobriu ella lá n'um galho d'uma arvore muito alta. Veiu buscar o machado para derrubar o páo, mas o machado tinha se queimado, e só ficou o cabo. Elle levou o cabo a um ferreiro para botar outro machado, e depois derrubou o páo, mas a abelha morreu na quéda. Meu pai então esfolou e esquartejou a abelha, e veiu buscar o cavallo para trazer os quartos...

— Menino, disse o fazendeiro, sem querer ouvir mais nada, quando tu mentes assim, quanto mais teu pai, que é mais velho. Quando o caboclo vier, dize a elle que vá buscar o cavallo.

E voltou para a sua habitação, dando-se por vencido.

XIX

Plano fagueiro de um caboclo

Um caboclo conversava uma occasião em companhia da mulher e do filho, fazendo os seus planos de futura prosperidade.

— Hei de fazer um roçado, disse o caboclo á mulher, para na trovoada plantar mandioca e abobora, e depois comprar uma bestinha.

Isto ouvindo o pequeno se alegrou:

— Então eu me monto, disse elle, e corro... corro... corro...

O caboclo, sem demora, assentou umas furiosas palmadas no immoderado cavalleiro.

— Tu queres matar a bestinha, menino!!?... exclamava, applicando-as, o futuro possuidor do animal.

XX

O caboclo e a imagem

Uma vez sahiu um caboclo com uma imagem de Christo, que dsejava trocar.

Offereceu-a a um sujeito.

— Então, queres ficar sem esta imagem? disse-lhe o individuo, recebendo-a. Não faças tal, que uma imagem assim a gente deve conservar.

E restituiu-a ao caboclo, que foi offerecel-a a um outro individuo.

— Deixa disto, respondeu-lhe tambem este. Guarda a imagem, que de muitos males te poderá livrar.

A varias outras pessoas offereceu-a o caboclo, dizendo-lhe todas pouco mais ou menos o mesmo.

Pouco satisfeito com o máo exito de suas propostas, dirigiu-se por fim a umas mulheres.

— Que imagem perfeita! exclamou uma, recebendo-a. Pois queres ficar sem ella?!

— Não a troques, caboclo, que muito perderias! exclamou outra. Leva-a para casa!

— Não deixes de ter a imagem, disse uma terceira. Guarda, que é muito boa.

O caboclo recebeu-a, e adiante arremeçou-a para um lado.

— E' boa, é boa, exclamou, mas ninguem a quer em sua casa !...

XXI

Quando Deus formou o mundo

Um caboclo entrou n'uma venda, para tomar uma *pinga*. Ahi um sejeito que se fazia notar por uma consideravel dentuça, querendo fazer graça, deu-lhe uma palmada nas nadegas, dizendo :

— Que caboclo de b... chocha !

O caboclo retirou-se enbaraçado.

Decorrido algum tempo, voltou á mesma venda, e, encontrando o referido individuo de dentes salientes, dirigiu-se a elle.

E em voz firme, retorquiu-lhe:

— Quando Deus formou o mundo
Eu não era ainda gente
O que faltou no *meu* b...
Accrescentou no seu dente !

XXII

O caboclo narigudo

Viajava um fazendeiro em companhia d'um caboclo, que lhe servia de arrieiro.

Quando atravessavam uma villa, certa moça, observando o caboclo da janella d'um sobrado, exclamou :

— Oh ! que caboclo de nariz grande !....

O caboclo, que ouviu estas palavras, continuou a viagem, pensativo e amuado.

Depois de percorridas bastantes leguas, disse ao fazendeiro.

— Meu amo, eu vou dar uma resposta áquella moça!

O amo procurou por todos os meios e modos dissuadil-o disso, mais não o conseguiu, pois o caboclo insistiu em voltar, para ir se *desempulhar*.

No fim do dia seguinte encontrou-se novamente o caboclo com o amo.

— Viste a moça? perguntou-lhe o fazendeiro:

— Vi, meu amo. Ella estava lendo um livro na varanda, e eu chamei: Moça!... Moça!... Quando ella olhou para baixo, eu dei uma resposta, que fiquei satisfeito,

— Que lhe disseste então?

— Disse: Moça! se eu tenho o nariz grande, é para metter no c. de seu cavallo!!

XXIII

O caboclo domador e o filho

Um caboclo, que da sua profissão de ensinar obras a poldros, tirava com que viver folgadamente, mandou um filho que tinha para o collegio.

No fim do anno veio o menino passar as férias no lar paterno, e uma occasião, querendo mostrar o que já havia aprendido, poz-se a dizer em tom de quem estava solettrando:

" *Requinquim* — saguim.

" Rebenta por dentro—vento

" Quer queira, quer não queira—jaqueira..."

E muitos outros dichótes identicos.

O caboclo ficou bastante admirado do adiantamento do pequeno.

— Meu filho, exclamou elle então, quem te ensinou tanto sem espora nem chicote?!

XXIV

O caboclo e os poldros bravos

Passando certo caboclo por uma fazenda, onde estavam amansando poldros, o dono da mesma fazenda, querendo divertir-se á custa delle, perguntou-he:

— Caboclo, tu ainda montas poldros, como montavas?

— Quem, eu ?! respondeu o caboclo. Eu nunca montei poldros.

O fazendeiro, porém, continuou a dizer que o caboclo montava-os bem, pedindo-lhe que montasse um, pelo que o caboclo dispoz-se a satisfazer esse pedido, e pegaram e sellaram um poldro, que elle montou.

O poldro, porém, deu um salto, derrubando logo o *habil* cavalleiro.

O caboclo mandou que sellasse um outro poldro, montou-o, e cahiu novamente. Duas outras quedas levou elle ainda, por ter montado dois outros, sempre ao som de estrepitosas gargalhadas dos assistentes.

O caboclo conservava-se perfeitamente calmo, como quem lhes dizia que esperassem, pois teriam o pago, e, por fim, vendo um grande e bonito poldro, russilho, disse:

" Eu cahi porque montei sem o meu surrão. Bote *o* sella n'aquelle agora.

Promptamente sellaram o referido poldro, e o caboclo montou-o, tendo o cuidado de collocar na garupa o seu surrão.

Desta vez o poldro russilho, aos soltos, desappareceu ao longe, mas sempre levando sobre o dorso o caboclo, que segurava-se como podia.

E o poldro e o caboclo não mais regressaram á fazenda.

XXV

Mandai, Mãi de Deus

Um caboclo escutava um sermão.

O pregador, depois de discorrer sobre os peccados da humanidade, entrou a perorar, pedindo ao Senhor que, para castigal-a, mandasse á terra medonhos flagellos.

O caboclo, isto ouvindo, ficou pasmado.

Mandai, Mãi de Deus, mandai, disse elle, que eu quero ver *seu* padre onde se *soca*!...

XXVI

Arre!...

Indo um coboclo á cidade, certo proprietario, depois de encarregal-o de varias compras, quiz por divertimento fazel-o percorrer a cidade inutilmente, e encommendou-lhe quarenta réis de *arre*.

O caboclo fez as compras recommendadas, mas, quanto ao *arre*, percorreu todos os estabelecimentos, causou hilaridade a muitos, e não o descobriu.

Regressava o caboclo, ainda pensando no caso, quando, indo arrancar um arbusto, as suas mãos roçaram por umas ortigas, cujo effeito caustico sentiu, exclamando:

— Arre!

Ficou elle então muito contente, dizendo de si para si que tinha achado a desconhecida encommenda, e em seguida encheu o seu surrão de ortigas.

Chegando á casa do citado proprietario, entregou-lhe os objectos cuja compra realisára.

— E o *arre*, caboclo, achaste? perguntou o pandego.

— Isto, meu amo, foi o que me deu mais trabalho, e só achei quando já vinha de volta...

— Onde está ? interrogou novamente o proprietario, admirado.

— Está dentro do surrão. Póde tirar, meu amo.

O sujeito introduziu a mão dentro do mencionado sacco, logo exclamando tambem :

— Arre !

— Achei, ou não achei, meu amo ?... perguntou então, ufano, o caboclo.

O dono da encommenda reconheceu que fôra buscar lã e sahira tosquiado.

XXVII

O caboclo namorador

Certo individuo, a cujo serviço estava um caboclo, procurou-o uma occasião, e não o encontrou.

Indo depois, porém, por uma rua, viu-o occulto atraz de uma grande mouta, olhando para a janella de um sobrado.

— Que estás fazendo ahi ? perguntou-lhe.

— Estou namorando *aquelle* moça... respondeu o interrogado.

— Que dizes ? ! E se o pai da moça souber ?

— Ora, ora ! retorquiu tranquillamente o caboclo. Emquanto *o* moça não sabe, quanto mais o pai *do* moça !...

XXVIII

O caboclo n'um sermão

Pela primeira vez, foi um caboclo a um sermão.

Pregava um padre missionario, fazendo reprehensões severas e exclamações ameaçadoras.

A multidão que o ouvia, com espanto do caboclo, que esperava vel-a irritar-se, conservava-se silenciosa e attenta.

Findo o sermão, disse o caboclo sentenciosamente, referindo-se ao missionario :

— Oh ! Aquelle homem ou é muito valentão, ou tem muita razão ! !

XXIX

Não ter rede e não ter casa

Andando de viagem com um sujeito, teve um caboclo de pernoitar em certa casa.

O dono desta designou uma sala para ahi dormir o caboclo, e foi mostral-a.

O caboclo levava uma rede muito pequena, e como as cordas que tinha eram igualmente curtas, debalde procurou armal-a, por ser um pouco grande a distancia que guardavam entre si os armadores.

— Ora, caboclo, disse então o dono da casa, com ar risonho. Tu não tens rede, como queres armar rede!?...

O caboclo ficou envergonhado com estas palavras, estendeu a rede no chão e dormiu.

Terminada a viagem, o caboclo empregou a mulher em fiar e tecer uma rede, e elle poz-se a fazer cordas.

Tempos depois, sendo o caboclo chamado para uma outra viagem, foi pousar novamente na citada casa.

O referido proprietario levou-o á mesma sala, e disse-lhe :

— E' aqui que dormes, caboclo. Tens rede?

— Tenho, respondeu elle convictamenre.

E trouxe uma rede enorme, com uma corda desmesurada em cada punho.

Indo armal-a, porém, como só a rede era mais comprida do que a distancia que ia de um armador ao outro, ficou ella completamente estendida no chão.

O hospedador ficou suprehendido. Então o caboclo, muito ancho, voltou-se para elle, e disse-lhe, intencionalmente:

— Ora! O meu amo não tem casa, como pergunta se tenho rede para armar? !...

XXX

Se ha de morrer de successo morra de desgraça

Uma occasião certo caboclo, regressando a sua habitação, ouviu o filho pedir auxilio, e foi encontral-o no cimo de uma arvore, debalde procurando descer.

Poz-se o caboclo a observar os inuteis esforços do menino, e acabou por convencer-se de que não era possivel a descida.

Ficou então preoccupado com a sorte do filho.

— Se você ha de morrer de successo, morra de desgraça, disse elle finalmente ao menino.

E, disparando-lhe a espingarda que levava, derrubou-o.

XXXI

Inveja de um caboclo

Um caboclo ia tangendo um burro, que conduzia uma carga de aguardente.

Em certo ponto do caminho, elle tirou uma ancoreta, collocou n'uma forquilha, e, pondo-se em posição adequada, bebeu em seguida até que se lhe tornou impossivel ingerir mais uma gotta.

Logo depois começou a sentir os terriveis effeitos do alcool, dizendo :

— Tem modo *guardencia* !...

Tem modo *guardencia* !...

E cahiu morto.

Mais tarde passou por alli um outro caboclo, e, vendo sem vida, perto da ancoreta, o que isso havia feito exclamou :

— Quem me dera morrer *d'este teu morte* !...

XXXII

Desejo de um caboclo

Certo caboclo, bom amigo da *pinga*, ouviu uma occasião conversar a respeito do mar e do tamanho do maior habitante das suas aguas, a baleia.

Andando uma vez de viagem approximou-se do littoral, e, chegando ao alto d'um monte, avistou o oceano.

Ahi demorou-se um pouco, e, tirando do surrão uma garrafa, engoliu uma pequena quantidade de aguardente, que ainda restava.

E poz-se extasiado, a contemplar a vasta extensão das aguas.

Por fim, externando a impressão que o soberbo panorama lhe produzia, exclamou :

— Ah ! Quem dera que o mar fosse de aguardente, e eu baleia dentro !...

XXXIII

O capitão-mór e o filho do caboclo

N'uma aldeia existia um caboclo, que era capitão de caboclos.

Como tinha este posto, lembrou-se de casar o filho com a filha do capitão-mór, e foi propor a este o casamento.

— Traze o teu filho para a menina vel-o, respondeu-lhe o capitão-mór.

E em casa deste preparou-se um clyster de pimentas para mimosear o caboclinho.

No dia em que o caboclo lá appareceu com o filho mandou o capitão-mór o pequeno para o interior da casa, e ficou na sala de vi itas conversando com o caboclo.

Pouco depois ouviam-se gritos do caboclinho.

— Olhe! Estão judiando com o menino, disse o caboclo, escutando-os.

— Não é nada, retrucou o capitão-mór, rindo-se disfarçadamente. Isso é folguedo dos meninos.

Logo depois passou o caboclinho pela sala, chorando desesperadamente e a coçar o assento.

O caboclo comprehendeu tudo, e mal impressionado com a brincadeira, levantou-se, dirigiu-se para a porta, e disse despedindo-se:

— E' folguedo, é folguedo, mas c. delle é que vai ardendo!

XXXIV

Duvido!! quero ver...

Um caboclo ouvia um padre missionario prégar.

— Senhor! exclamou o padre. Bradar é inutil, pois os homens não se afastam da senda do peccado. Para advertil-os proficuamente, mandai uma secca, em que as arvores não fiquem sómente queimadas, mas sejam todas reduzidas a cinzas até as raizes!

— Duvido! quero ver! disse o caboclo, do seu canto.

— Não façais, continuava o pregador, que simplesmente desappareçam as aguas dos rios, mas em seus leitos fazei correrem torrentes de fogo!

— Duvido! quero ver!... disse de novo o caboclo.

— E os que mais houverem peccado, proseguia o padre, fazei que, em vez de sucumbirem, vivam durante todo o tempo da secca, inutilmente procurando que comer e que beber!

— Duvido !! quero ver !! Dizia sempre o caboclo, pondo á amostra o seu senso pratico.

XXXV

Mata, judeu!...

Vendo um caboclo celebrar-se uma cerimonia n'uma igreja, perguntou o que era isso ao amo, e este fazendo-o sciente de que era a solemnisação da semana santa, explicou lhe detidamente a vida e a morte de Jesus Christo.

O caboclo ficou indignado com a injustiça e ferocidade que fizeram morrer o Divino Regenerador, quiz ir brigar com os judeus, e, bastante sensibilisado só acalmou-se um pouco ao dizer-lhe o amo que Jesus Christo resuscitaria.

No anno seguinte, viu o caboclo ter logar identica cerimonia no templo.

— Que é aquillo, meu amo? perguntou elle novamente.

— E' a solemnisação da morte de Jesus Christo, respondeu o amo do interrogante.

— Christo torna a morrer?! Então é por gosto mesmo... Mata, judeu!... exclamou o caboclo, furioso d'esta vez.

XXXVI

Promessa de um caboclo

Um caboclo prometteu a Santo Antonio que lhe daria uma vela, se encontrasse até ao anoitecer uma vacca amocambada em cuja procura andava, havia tres dias.

Succedeu que, antes do sol se pôr, o caboclo achou o animal, que amarrou bem.

— O que eu queria era achar a vacca! disse em seguida, muito satisfeito, o caboclo. A vela eu não pago, que lá no céo o que não falta é luz...

Apenas foram ditas estas palavras, a vacca empinou-se furiosamente, e arrebentando a corda, desappareceu de novo no matto.

O caboclo viu logo n'isto o castigo da deslealdade que acabava de commetter.

— Que santo desconfiado!... exclamou elle então, procurando novamente obter o milagre. Eu estava era caçoando, Santo, eu pago a vela!

CONTOS, LENDAS E ANECDOTAS DIVERSAS

I

O Rei dos destinos

(ALAGOAS)

Uma feita havia um fazendeiro que tinha dois filhos, e mandou todos os dois para a escola. O mais velho estudou e formou-se, e ficou morando na cidade, onde se casou. O outro logo que aprendeu a ler e a escrever, deixou os estudos e veio para onde estava o pai.

Quando morreu o fazendeiro (mais de velhice do que de doença), o filho mais moço, que já estava acostumado com a vida do matto, ficou na fazenda, governando os bens todos, tanto seus como do irmão, que continuou a morar na cidade. Com o governo do rapaz a fazenda foi prosperando, que fazia gosto, e assim passou-se muito tempo.

Mas um dia elle poz-se a pensar, e disse: "Ora isto não tem geito; eu a cuidar da fazenda para mim e para meu irmão, e elle na cidade a dormir e a passear!... Vou escrever *a elle* (*) para vir repartir os bens e dispor dos seus." Dito e feito. Escreveu a carta, e recebeu resposta do irmão dizendo que elle mesmo fizesse o *dividendo*, tirasse uma banda e a outra entregasse a uma pessôa para ir trabalhando. Repartiu-se

(*) E' defeito ou erro peculiar á gente do campo dizer *a elle* em logar de *lhe*. O mesmo dá-se com o — fez *elle* voltar — em vez de — fel-o voltar.

tudo irmãmente, e o supplicante ficou só com os bens delle, como queria.

Ora, aconteceu que depois disto, os bens do irmão formado, passando para as mãos de uma pessoa extranha, deram para augmentar a olhos vistos.

Tambem os do outro, que trabalhava sem descanço, foram diminuindo, que chegava a fazer dó; quanto mais mourejava, mais iam diminuindo, até que no fim de dois annos só tinha de seu a noite o dia.

Quando se viu assim, dispoz-se a correr mundo á procura de um meio de vida, e disse isto ao irmão, que se oppoz, deu-lhe a metade dos bens que tinha recebido, e fez elle voltar para a fazenda.

Foi o mesmo que nada. No fim de dois annos estava elle outra vez pobre como Job, emquanto a outra parte dos bens do irmão tinha augmentado por demais. Dispoz-se de novo a sahir ganhando a vida, e o irmão lhe deu outra vez metade dos bens com que tinha ficado, o que elle não quiz aceitar mais. Então deu-lhe dinheiro para a viagem, e elle começou a andar.

Levou bastante tempo correndo logares desconhecidos, até que viu uma arvore muito copada e bonita, e debaixo da arvore uma moça muito formosa e esperta a fiar sem descanço. Elle chegou junto da arvore, e peguntou á moça quem era. " Eu sou, respondeu a moça, a sorte do teu irmão. Emquanto elle dorme e passeia, eu trabalho."

Ahi o viajante perguntou onde era que ia achar a sorte delle, e soube que lá adiante encontrava. Não teve duvida; caminhou, caminhou, e final deu com uma arvore quasi secca, e debaixo da arvore viu uma cabocla magra e feia, dormindo que parecia morta. Com muito custo acordou a cabocla, e perguntou quem era. Não tardou a resposta: "Eu sou a tua sorte; emquanto tu trabalhas e te *vexas* eu durmo."

Vai o viajante e diz: "Oh sorte medonha! O que devo fazer para mudar de sorte?" Foi a cabocla e

respondeu: " Isto é o que tu não arranjas ! Mas segue teu caminho, e quando encontrares um grande palacio, entra nelle e leva calado até que um velho te falle."

O viajante assim fez. Depois de andar muito, deu com o palacio, entrou, e foi achar o velho sentado no meio de uma grande sala. Foi o mesmo que não se terem visto; ninguem disse palavra, e o viajante, cançado como estava, tratou de sentar-se tambem. Mais tarde botaram o almoço; o velho sem dizer nada levantou-se e foi comer, e o viajante que estava com muita fome, fez-se de casa e foi tambem para a mesa.

Na hora de jantar e de cear, a mesma cousa. Quando foi hora de dormir, como via que era preciso ir se arranjando por si mesmo, o hospede tomou conta de uma marqueza que estava junto da porta e tratou de pegar no somno. Era quasi meia noite, quando ouviu bater na porta, perguntando o velho o que tinha havido, e o supplicante da parte de fóra respondeu: "Nasceram tantas mil crianças", e viu com esta resposta o velho abrir uma janella e atirar fóra igual numero de saccos de moedas de ouro, e depois disto ir novamente se deitar. No outro dia, quando o rapaz acordou-se, ficou admirado de estar n'uma casa como as demais, em vez do palacio; mas não se incommodou e passou o dia como o outro. Lá para as mesmas horas da noite passada ouviu outra vez *bater* na porta, o velho perguntou o que tinha acontecido, e ao ouvir a resposta de terem nascido tantas mil creanças, abrir uma janella e atirar fóra igual numero de saccos de moedas de prata. No terceiro dia quando acordou-se, notou ainda que em vez de estar na casa, estava n'um casebre, e as mesmas horas da noite, quando vieram dizer o numero de creanças que tinham nascido, viu o velho atirar fóra outros tantos saccos de moedas de cobre.

No quarto dia o viajante acordou-se no palacio onde tinha estado no primeiro dia. Foi quando o velho lhe disse : "Eu sou o rei dos destinos, e sei a que vens;

mas não podes ter boa sorte, porque nasceste na occasião do cobre." O rapaz, ouvindo isto poz-se a lastimar-se; então o rei dos destinos com pena delle disse: "Volta para traz e pede a filha do teu irmão em casamento e casa-te com ella, mas todo negocio e trabalho que fizeres, fazes em nome de tua mulher, e nunca em teu nome."

Assim se fez. O rapaz voltou e casou-se, e como tinha cuidado de determinar tudo em nome da mulher, deu para prosperar, e em pouco tempo ficou mais rico do que de primeiro.

Passou uma vez, voltando de uma grande plantação de algodão que tinha mandado fazer e que estava viçoso que fazia gosto, encontrou-se com um viajante que lhe perguntou, todo encantado, de quem era aquelle bonito roçado, e elle ficando orgulhoso, disse: "E' meu".

Ainda bem não tinha acabado de fallar, quando levantou-se do roçado um fogaréo, que acabava com a fazenda toda, si elle não se lembrasse do que tinha dito o rei dos destinos e não gritasse ao viajante, que já ia de marcha: "o roçado não é meu não, é de minha mulher!", o que foi bastante para o fogo se apagar de repente.

II

O veado e o carangueijo (*)

(PERNAMBUCO)

Um dia foi um veado beber n'uma lagôa, e vendo um carangueijo, poz-se a reparar no modo como o bichinho andava, e disse caçoando:

— Mal estaria você, amigo carangueijo, se tivesse de mudar-se desta lagôa para outra, por mais perto que ficasse.

(*) Variante do conto *O veado e o sapo*, que se encontra no precioso livro *Contos populares do Brazil*, colligidos pelo Dr. S. Romero.

O carangueijo, zangado com a graça, perguntou:

— Porque, amigo veado?

— Porque era preciso um anno para você, caminhando assim de costas, andar ainda que fossem sete braças.

— E' o que você pensa, amigo veado. Quantas vezes eu tenho ido áquella lagôa que fica daqui a dez leguas em menos tempo do que você correndo.

O veado riu-se, mas o carangueijo sustentou, e pegaram uma aposta para ver quem chegava primeiro na tal lagôa.

Na occasião da partida, o carangueijo, com as suas duas boccas, que são as duas mãos, pegou-se ao rabo do veado, sem o veado ver e foi assim seguro. O veado sentindo uma dor desesperada, só fazia correr, e quanto mais o carangueijo mordia para se segurar, mais elle corria.

Neste vexame, n'um instante o veado chegou lá, e sentou-se logo juntinho da lagôa, olhando para as bandas d'onde tinha vindo, para ver se o carangueijo chegava.

No mesmo instante ouviu o carangueijo dizer:

— Oh, amigo veado, você veio tão cego da sua corrida, que chegou se sentando logo em cima da gente! Pois eu, que cheguei primeiro, não estou tão cansado...

O veado ficou muito admirado e não soube o que responder.

III

A ema e a raposa

(PERNAMBUCO)

No tempo em que Adão e Eva não precisavam trabalhar, para maior commodidade delles havia a facilidade de subir e descer os montes como se fossem planicies.

Esta graça de Deus desappareceu logo da terra apenas teve logar a desharmonia que hoje existe entre os animaes, e foram os causadores disto a raposa e a ema, ave esta que nesse tempo possuia uma plumagem rica e elegante, tendo uma cauda maior e mais formosa do que a do pavão, e que voava como a andorinha. Pois n'uma bella manhã estando a ema a aquecer-se ao pé de um elevado monte, descobriu quasi junto a si uma raposa que se approximava sorrateiramente para pegal-a, e tal foi o susto da infeliz ema que em vez de tomar o vôo para a planicie, fez o contrario e foi pousar no meio do monte.

A raposa, porém, não desanimou, e correndo monte acima (o que lhe foi o mesmo que correr n'um plano), pegou-a pela cauda quando ella precipitadamente ali pousou. Vendo-se presa a pobre deu tantos saltos e sacudidelas tão fortes que todas as suas pennas cahiram e por fim tendo a sua formosa cauda se despregado do corpo, livrou-se dos dentes da raposa, e sahiu n'uma carreira que foi se desunhando.

Fóra do perigo, a ema, em vez de sómente lamentar-se, começou tambem a censurar a Deus por não ter difficultado as subidas dos montes, o que a teria livrado daquelle miserando estado, pois como estavam as cousas de nada lhe servia ter o dom de voar.

Deus não gostou da censura da ema, e por isto a conservou como hoje a vemos, isto é, no estado em que a deixou a raposa; mas notando que ella tinha alguma razão, difficultou desde esse dia a subida das ladeiras, o que hoje tanto nos cansa.

IV

O pato, o burro, o carneiro, o anum, o gato, o gallo e o sapo

(PERNAMBUCO)

A historia que vou contar deu-se na secca de 25. Ainda hoje ninguem póde ouvir os casos de miseria que se deram nesse tempo sem ficar com os cabellos arrepiados. Mas deixemos isto de parte e vamos á historia.

Um pato, um burro, um carneiro, um anum, um gato, um gallo e um sapo, temendo que o povo faminto os comesse (pois em tempo de secca come até cobra venenosa, que dirá sapo, burro, gato, etc.) trataram de fugir, e todos juntos e em boa paz tomaram o caminho da praia. Depois de andarem muitos dias a passar fome, sêde e todas as diversidades de miserias, chegaram já ao anoitecer em um logar onde havia verde e a secca ainda não havia chegado. Estando, porém, todos mais mortos que vivos, de cançados, resolveram pousar alli, e depois de comerem no outro dia alguma cousa seguiram novamente a viagem, indo todos dormir n'uma casa que estava bem perto á vista.

Logo que entraram na casa, que estava sem gente, o anum foi empoleirar se n'um dos frechaes; o gallo na cumieira; o sapo, procurando um logar mais fresco foi se deitar junto de um pote, que tinha ainda um resto d'agua dentro; o gato, este fez fogo e estirou-se de um lado; o burro e o carneiro, depois de feicharem a porta, se deitaram bem encostados a ella, como que servindo de escoras para não deixar ninguem a abrir, e só o pobre pato ficou em pé no meio da sala. Quando foi lá para meia noite, e todos estavam de somno ferrado, o pato que só fazia

cochilar, ouviu uma voseria, prestou attenção e conheceu que era um pelotão de gente que se dirigia para a dita casa, e mais que depressa accordou todos os camaradas.

O primeiro cuidado do gato foi ir ao pote e tirar o restante d'agua e apagar o fogo ; o burro, este levantou-se assustado de orelhas murchas, disposto a enfrentar com todo o perigo ; o carneiro por sua vez, de testa franzida, estava prompto a mostrar para que ella servia. . .

Os homens desconfiaram logo que a casa estava occupada, e pensando que fossem ladrões, trataram de entrar de magote e de sopetão para não darem tempo a elles fugirem. Esta resolução, em vez de ser uma boa medida, foi pelo contrario uma desgraça, porque logo que um grande numero dos homens se precipitou dentro da casa, o carneiro deu uma tão grande marrada n'elles que todos foram ao chão, e quando elles estonteados tratavam de levantar-se, o burro deu-lhes dois ou tres couces, que os fizeram ir parar estirados por todos os cantos da casa, saltando o gato, então, por sua vez, em cada um d'elles e enterrando as unhas nas caras, que chegava a tirar *lapas*.

A mesmissima cousa deu-se com o restante, que para salvar os companheiros tambem se precipitou na casa.

O sapo, logo que viu o *samba* ferrado, sahiu do pé do pote, a soltar os gritos que costuma quando está no brejo em tempos de invernada, e foi esconder-se fóra da casa ; o gallo, achando-se fóra do campo da briga, de assombrado deu para cantar ; o anum tambem fóra da briga deu para soltar assovios como se estivesse nos descampados, e o pato poz-se a andar de um lado para outro a grasnar sem saber onde se esconder.

Como em todas as luctas por mais tremendas que sejam, sempre escapa alguem para contar a historia poude um dos pobres homens fugir levemente ferido,

e sahiu a contar que os ladrões não eram lá muitos não, mas que os tres que luctavam valiam por cem: entre elles o *testa de ferro* (que era o carneiro), quando dava uma cabeçada, iam todos de ventas ao chão; depois tinha o diabo de um jogador de *rasteira* (que era o burro) que, quando soltava as pernas, atirava tudo de encontro ás paredes; e finalmente um outro diabo, o *unha de canivete* (que era o gato), quando alguem cahia, saltava logo em cima cravando as unhas e arrancando *lapas* de todos os tamanhos. Felizmente não desceu um sujeito que estava na cumieira da casa (que era o gallo), que dizia muito enthusiasmado: "Se eu fôr lá com o meu bico, com o meu esporão, com a minha crista, mato, esfolo, pico e espalho,,; tambem estava no frechal casa um negro (que era o anum) que com medo de descer só fazia gritar; "Animo!... animo!...animo...!,,. Em opposição ao que gritava o diabo deste negro, estava um velhinho a caminhar no meio da casa de um lado para outro (que era o pato) a dizer: "Paz... paz, paz... paz...".

Terminada a narração o sujeito disse que lá só tinha um mofino, que logo que viu o barulho sahiu de porta á fora (que era o sapo) a dizer: "Perdo... ai, perdo... ai, perdo... ai".

Reuniu-se então gente para ir lá outra vez, e depois de muitas discussões de parte a parte ficou resolvido que com taes inimigos só se podia luctar de dia; e quando foi muito cedinho que foram bater na porta só encontraram na casa os doentes; uns sem olhos, outros de pernas quebradas, etc., etc.; os ladrões como o povo pensava que eram, após á lucta trataram de se pôr ao fresco, que não eram bestas nem nada.

V

O cachorro, o bode, o gato, o porco e a onça

(ALAGÔAS)

Os donos d'um cachorro tinham todos ido para uma festa, e se esqueceram do bicho, que ficou sem comida. Para disfarçar a fome, o cachorro tratou de dormir, e quando ia pegando no somno, passou um bode, e disse-lhe : " Não seja preguiçoso, compadre, vá caçar " e bem junto d'elle deitou-se tambem. Quando os dois iam ferrar no somno, passa um gato, que foi tambem deitar-se junto d'elles, dizendo : " Que preguiçosos ! em vez de irem caçar, estão aqui dormindo ". Ainda bem não tinham fechado os olhos, quando chegou um porco e os convidou para irem caçar. Todos acceitaram e puzeram-se a caminho.

Levaram muito tempo no matto sem encontrar caça nenhuma, quando cahiu um aguaceiro, que foi um Deus nos acuda. O bode, logo no começo da chuva, deu para espirrar alto, como nunca se viu ; o gato, a cada gotta d'agua que lhe cahia no lombo, miava e tremia como varas verdes, e o cachorro viu-se obrigado a latir como se tivesse acuado caça. Assim foram de opinião que deviam se resguardar n'uma toca, fosse onde fosse. O cachorro, que era conhecedor do logar, disse que perto não havia nenhuma, e só d'alli a uma legoa havia a furna de uma onça, e que esta não servia, porque a onça devia estar em casa.

— " Pois eu me obrigo a botal-a para fóra, disse o porco. Basta que vocês, quando forem chegando perto, continuem como se não honvesse nada ". Todos acceitaram o offerecimento do porco, que seguiu adiante, depois de lhe ser ensinada a furna.

A onça estava mesmo na furna, e quando o porco chegou, disse ella : " Bemvindo seja, compadre porco ; estava esperando com quem conversar. Como está

gordo..." O porco respondeu: "Qual, comadre! Esta minha gordura é só *inchação*... Fugi para o matto, porque me querem matar, para não pegar a doença". Como o porco, antes de chegar alli tinha-se lambusado n'um lama que fedia como os diabos, a onça acreditou logo, e disse:

"Então passe bem longe, para não me pegar tambem a damnada da sua doença."

O porco respondeu:

"Pois eu assim mesmo, comadre onça, ando por aqui fugindo d'um cachorro, d'um gato e de um bode doidos, que, se me tocassem com um dente faziam-me ficar como elles".

Nesta occasião a onça viu approximarem-se o cachorro, que já uivava com o frio, o bode, que continuava a espirrar que só pratos de banda de musica, e o gato, que cada vez miava mais, e poz-se logo ao fresco.

Os caçadores occuparam a furna, onde se livraram da chuva, e n'ella encontraram provisões da onça, com que fizeram uma grande festa.

VI

O negro fugido (*)

(ALAGÔAS)

Um negro andava fugido, e havia tempo que o *capitão* de campo o procurava e não achava. Um dia lembrou-se de fazer uma fogueira n'um logar, por desconfiar que o negro estava por perto, e escondeu-se.

(*) O habito peculiar ao africano de aquecer-se ao calor das fogueiras e de cochilar, é a razão desta anecdota e da seguinte. Chegou a ser considerado privilegio do africano o viver cochilando. E' verdade, porém, que os empregados no fabrico do assucar encontravam justificação para isso em seu pesado trabalho no tempo da safra, em que chegavam a dormir apenas durante 3 ou 4 horas por noite. A proposito foi-me contada a anecdota d'um escravo, empregado em tal serviço, que conseguiu libertar-se e fazer um peculio; cem annos depois ainda vivia o felizardo, mas sempre cochilando, o que fez um seu conhecido perguntar-lhe "que somno tambem era um", ao que respondeu o dorminhoco "que ainda era o tempo que passara *tresnoitado* no captiveiro".

Mais tarde o negro veio devagarinho, e não vendo ninguem poz-se a *esquentar fogo de pé*.

Depois de estar muito tempo de pé, o negro começou a ter vontade de esquentar fogo sentado, e não se animava; mas depois sentou-se sempre, e disse: "Eu senta, mas não cochila."

Mal sentou-se, deu-lhe vontade de cochilar, mas elle ia tomando cuidado. Foi indo, e afinal resolveu-se sempre a cochilar, dizendo: "Eu cochila, mas não deita..."

Poz-se então a cochilar, que quasi encostava a cabeça na cinza. Cochilando, se lembrou de se deitar, mas não quiz. Ao depois resolveu-se sempre, dizendo: "Eu deita, mas não dorme."

E deitou-se. No mesmo instante pegou no somno, roncando como um porco. Então o *capitão* de campo o amarrou e foi entregal-o ao senhor.

VII

O negro rico

(ALAGÔAS)

Foi uma feita um negro, que era escravo, libertou-se e ao depois enriqueceu. Então comprou uma casa, apromptou a casa com muito luxo, e começou a deitar-se n'uma cama bem preparada. Ao cabo de algum tempo cae o negro doente. Mandou chamar o medico, e pegou a tomar remedio mais remedio, e cada vez a ficar mais doente. Uma occasião veio um companheiro velho visital-o, e encontrou o dito negro deitado em uma marqueza, todo embrulhado. Ahi perguntou: "Você o que sente, minha parente?"

O negro doente disse: "Ah! minha pariceiro, está aqui doente para morrer si Deus não me ajuda.

Já gastou muito a dinheiro com doutor e com a remedio, porê sempre sente o corpo ruim... ruim..." Vai o outro e pergunta:

— "Você aonde se deita, minha pariceiro? Vai me mostrar."

O doente levantou-se com muito custo e foi mostrar a cama. Assim que o outro negro viu a cama com um bom colchão, cortinado e mais preparos, perguntou muito admirado: "E' acolá que você se deita, minha pariceiro ? !..."

— "E', minha parente", respondeu o doente.

— Hum... hum... hum.. Está porque você está doente, minha pariceiro !... Você toma minha conseio, sinão você nunca fica bom. Você vizia uma taboa e bota junto do fogo, e te deita mesmo sem lençol. Você deixa aquillo, sinão você morre, minha pariceiro !"

Assim mesmo foi. O negro rico pegou a deitar-se n'uma taboa junto do fogo, e ficou bom.

VIII

Os tres conselhos (*)

(ALAGÔAS E PERNAMBUCO)

Havia n'uma aldeia um bom rapaz, pobre e sem familia, e que não encontrando em que se empregar, resolveu ir para terras estranhas procurar trabalho.

Depois de andar muito por logares longinquos, deu com um ricaço, dono de uma fazenda muito grande, que lhe offereceu serviço, com a condição de só lhe pagar se elle trabalhasse um anno inteiro. O rapaz, que não tinha mais para onde ir, acceitou a proposta.

(*) Esta historia é uma outra versão da que com o mesmo titulo se encontra nos *Contos Populares do Brazil*, do Dr. Sylvio Romero.

Quando completou um anno de serviço, dispoz-se a voltar para a sua terra, apromptou o seu malote, e foi receber o dinheiro do trabalho.

O ricaço, depois de contar o dinheiro, e quando ia entregar, perguntou :

— Você quer o dinheiro, ou quer um conselho ?

O rapaz, a principio, ficou espantado de tal pergunta. Porém, maginando depois que um conselho com que se queria pagar um anno de trabalho devia ser tão bom, que nem conselho de advogado, teve vontade de saber o que era, e respondeu :

— Vamos lá ao conselho !

Então o ricaço, guardando o dinheiro, disse :

— "Nunca deixe arrodeio por atalhos."

Ora está ! antes tivesse recebido o meu dinheiro, disse comsigo o trabalhador, arrependido. E como não tinha outro geito, ficou para servir outro anno.

No fim do anno, quando o rapaz foi outra vez receber o pagamento, o fazendeiro fez-lhe a mesma pergunta. O trabalhador, depois de pensar um pouco, acabou por declarar de novo que queria o conselho, e o ricaço disse :

"Quem corôa na cabeça botar rei será."

O rapaz arrependeu-se ainda do negocio, e teve de trabalhar um outro anno.

No fim do terceiro anno, faz-lhe o ricaço a mesma pergunta.

O rapaz, que já tinha perdido o trabalho de dois annos, dispoz-se a receber o novo conselho, para ver se se pagava de todo o serviço feito. Então o fazendeiro disse :

"A vasilha do ter nunca encheu."

D'esta vez o trabalhador desapontado, disse ao ricaço, a quem julgou um grande avarento, que já estava bem arremediado com os conselhos d'elle e ia-se embora. Então o ricaço abraçou-o, deu-lhe mantimento para a viagem e um queijo mais, recommen-

dando-lhe que só partisse o queijo quando se acabasse a comida.

O rapaz recebeu tudo, e sahiu.

Depois de andar um bom tempo e de não ter mais comida, partiu o queijo, e viu que estava elle cheio de dinheiro. Contando a quantia, encontrou todo o dinheiro dos seus tres annos de trabalho. Então se arrependeu de ter feito máo juizo do ricaço, e continuou a viagem.

Adiante juntou-se a uns tropeiros que encontrou no caminho. Andadas muitas legoas, os tropeiros, querendo encurtar a viagem, seguiram por um atalho. Então elle se lembrou do primeiro conselho do ricaço, e, apezar da insistencia dos tropeiros, tomou o arrodeio. E' verdade que caminhou muito ; porém, quando chegou na villa que ficava mais perto, soube que os tropeiros foram atacados e mortos por uma quadrilha de ladrões.

Deu graças a Deus por não ter deixado o arrodeio, comprou na villa o que precisava, e marchou.

Tendo andado muitos dias, avistou uma cidade muito bonita, e dirigiu-se para lá. Ao entrar na cidade, a primeira cousa que viu foi uma corôa de rei toda de ouro e brilhantes, em cima d'um throno de prata. Ahi elle lembrou se do segundo conselho e poz a corôa na cabeça. Então vieram uns guardas e o levaram nos braços para um palacio, muito rico, onde lhe offereceram logo um banho muito cheiroso, sendo depois vestido de rei e levado á presença d'uma formosa princeza, que já o esperava n'um salão, que parecia um céo aberto.

A princeza logo que o viu entrar, foi recebel-o, e disse : " Infeliz, que usaste esta corôa ! Vais casar-te hoje commigo, e, como os outros que fizeram como tu, amanhecerás morto, sem se saber porque ! " O rapaz, longe de desanimar, ficou nadando em alegria. Fez-se o casamento. A' noite, quando o noivo entrou na camara da princeza armou-se d'um alfange, e tomou

cuidado em não adormecer. Lá para a madrugada, quando a princeza dormia, o noivo, que estava attento, viu uma enorme serpente dirigir-se surrateiramente para elle. O rapaz não se moveu, e, quando a serpente approximou-se, deu-lhe com o alfange um golpe tão certeiro, que a cabeça da serpente rolou pelo chão.

Era aquella serpente que matava os noivos da princeza. Quando no outro dia a princeza se acordou e viu o noivo vivo, teve a maior alegria, e mandou espalhar a noticia e fazer festas que duraram um mez.

Acabadas as festas, estava um dia o dito rei n'uma janella do palacio, quando descobriu ao longe uma casa muito grande, onde estava a entrar e a sahir um formigueiro de trabalhadores. Perguntou o que era aquillo, e a rainha respondeu-lhe que era uma fabrica pertencente a um homem que possuia uma riqueza igual á d'ella. Lembrou-se o rei do terceiro conselho do fazendeiro, e disse á rainha :

— Amanhã, logo de madrugada eu vou me offerecer áquelle homem para trabalhar e tu has de me levar ao meio-dia o almoço.

A rainha de balde fez ver ao marido a inconveniencia d'este passo, e elle no outro dia bem cedinho riscou na porta do tal sujeito, vestido de operario, a pedir-lhe trabalho.

O homem acceitou-o logo ao seu serviço e elle foi trabalhar junto com os outros operarios. Ao meio-dia tocou a sinete para os trabalhadores almoçarem e todos sahiram. O rei tambem sahiu, e, como não tinha o que almoçar, sentou-se na porta da fabrica. E assim estava, quando passou o dono e perguntou-lhe porque elle não ia almoçar e o que esperava alli, ao que respondeu-lhe o seu novo empregado "que estava esperando que a rainha lhe trouxesse o almoço, o que não devia tardar muito". O dono da fabrica riu-se d'esta resposta, e o trabalhador, na presença de quantos estavam alli, confirmou, com a maior convicção, que a rainha lhe havia de trazer o almoço. Então o dono

da fabrica lhe disse : " Quer apostar commigo o teu dia de serviço contra toda a minha fortuna, como, se esperares que a rainha te traga o almoço, hoje não almoças ? " O rei pegou com as duas mãos a aposta, e d'ahi a poucos minutos, quando menos se esperava, chegou a rainha em seu carro, e entregou o almoço do fingido operario.

O dono da fabrica só não ficou a pedir esmolas porque o rei lhe deu muito com que passar folgadamente, e assim o tal empregado do fazendeiro, com os conselhos d'elle, ficou o homem mais rico do mundo.

IX

Os serviços de Pedro Malazarte

(PERNAMBUCO)

Pedro Malazarte tinha um irmão por nome João, que estava longe de ser *collado* (*) como o tal Pedro e que um dia sahiu á procura de serviço. Pedro Malazarte avisou-lhe logo que vigiasse o que ia fazer.

Depois de ter viajado algum tempo, João chegou á casa d'um velho, que disse que lhe dava trabalho, mas era com a condição que, se elle não désse conta do serviço, perdia o jornal e o velho lhe tirava uma correia das costas; tambem no caso de servir bem e de ser despedido, elle recebia o seu dinheiro e tirava uma correia das costas do velho. João ficou. No outro dia, no almoço, quando João tirou o primeiro bocado, o velho levantou-se logo da mesa e mandou tirar os pratos, como tinha de costume quando havia hospede, e João ficou sem almoçar.

Depois mandou João tirar madeira para fazer um quintal, porém madeira que não fosse torta nem um bocadinho. Sahiu o empregado, e depois de levar

(*) Fino, sagaz. Parece vir da denominação *vigario collado*, pessoa esta que por ser uma das mais illustradas da freguezia, era considerada pelas populações ruraes um typo da sabedoria.

muito tempo procurando, só achou uns dois ou tres páosinhos mais linheiros.

Quando foi mais tarde, e o velho viu os taes páos com pequenas voltinhas, disse: "Eu não lhe avisei que queria madeira sem volta nenhuma? Esta está torta. Portanto chegou para lhe tirar a correia das costar."

João não poude se esquivar, e o velho assim fez.

Ahi elle deixou a casa do velho, e Pedro Malazarte viu o ferimento nas costas do João.

Logo que soube do contracto que elle tinha feito, disse Pedro: "Pois bem. Quem quer ir agora se empregar na casa do velho sou eu." Apromptou-se e foi. Quando chegou lá, pediu serviço e o velho disse-lhe a mesma cousa. Pedro Malazarte acceitou o negocio, e perguntando depois o nome do patrão e a familia a que pertencia, *desencavou* logo uns parentescos e acabou se fazendo sobrinho do velho.

No almoço do outro dia, quando Pedro tirou o paimeiro bocado e o velho fez que já tinha almoçado e mandou levar os pratos, Pedro deu garra a um, dizendo: "Não precisa esta cerimonia commigo, meu tio; ora! ora! em mesmo levo o prato, quando acabar," e comeu até encher a barriga Quando acabou, o velho mandou tirar madeira que não tivesse nma só voltinha.

Pedro não se vexou, e amolou bem uma foice. Depois foi a horta, que ficava atraz da casa, e *atacou* a foice n'umas moitas de bananeiras. O velho foi para lá aos gritos, mas quando chegou já o empregado tinha feito um *asseiro*, que nem um corisco. O velho ficou damnado da vida, e Pedro disse:

"E' só a madeira bem linheira que ha aqui meu tio. Se quer me despedir, chegue para tirar a correia."

O velho disse que elle ficasse e que no outro dia tinha trabalho. Quando foram jantar e fizeram como no almoço, Pedro *abotoou-se* outra vez com o prato, dizendo sempre que não queria incommodos com elle, e jantou quanto quiz.

Desta sorte o velho só almoçou e jantou neste dia aquelle bocadinho, e Pedro Malazarte não o deixou mais até que elle foi se agazalhar. Quando foi hora de dormir, o velho quiz mandar fazer uma cama n'um quarto para Pedro, mas o tal empregado, vendo o que elle queria era matal-o de fome trancado no quarto, disse que o tio não se incommodasse, que elle ia se deitar mesmo n'uma esteira junto a porta da cozinha, para aquentar-se ao fogo. Assim mesmo fez, mas não pegou no somno. Da meia noite para uma hora, o velho, que estava com muita fome, disse á mulher que lhe fosse fazer um mingáo.

A mulher levantou-se e foi de ponta de pé para a cozinha, para Pedro não se acordar Estava muito occupada fazendo o mingáo, quando Malazarte, que tinha ouvido o pedido, perguntou o que era aquillo. "E' um pouquinho de barrela que estou fazendo", respondeu ella para disfarçar. Pedro não teve duvida. "Então ainda não botou-lhe todas as materias", disse elle; e zás! botou um punhado de cinza no mingau. A velha ficou desesperada, mas não disse nada, e contou ao marido o que tinha se dado.

Meia hora depois, o velho, que estava damnado de fome, disse á mulher que fosse e esquentasse no rescaldo alguns ovos, debaixo do borralho, para Pedro não dar fé.

A mulher assim fez, e quando chegou Malazarte, que tinha ouvido tudo, ella disse que estava esquentando fogo.

Pedro puxou uma conversa, e disse: "Então emquanto minha tia se aquece, eu vou contando a historia de minha vida." E poz se a contar que o pai tinha morrido deixando uma porção de filhos, e para todos só deixou umas cem braças de terra (e, fallando fazia com um cacete uns traços em redor do fogo, para indicar o terreno); ahi todos os filhos trataram de dividir a terra, e foi quando começou a desavença: um queria por aqui, outros queriam pôr ali (e Pedro

ia fazendo os riscos); então elle, que não era de meias medidas, zangou-se muito com a tal massada, e disse aos irmãos que n~o havia de ser por aqui, nem por alli! Pedro, neste ponto, fingiu-se exasperado e poz-se a dar muitas pancadas com o cacete pelo meio do borralho, e quebrou os ovos. A velha ficou ainda mais desesperada com a tal historia, e foi contar ao marido.

O velho, que já não aguentava a fome, lembrou-se então de enrolar-se n'um couro de boi e ir comer uvas n'uma parreira que tinha no quintal.

Porém Malazarte, que nem o diabo lhe botava cinza nos olhos, sahiu de vagarinho atraz do velho, e quando o viu a comer as uvas, deu lhe cacetadas de cego, até derrubal-o, bradando: "oh boi do diabo, queres acabar com a parreira de meu tio!?..." Só depois de levar muitas cacetadas o velho poude se desembrulhar do couro, e então Pedro cessou logo de malhar o cacete, dizendo muito admirado: "Ora!... o meu tio quiz experimentar se eu dava conta do meu serviço? Está o que aconteceu!"

Quando amanheceu o dia, o velho disse que não o queria mais ao seu serviço, e Malazarte recebeu o jornal e tirou uma correia das costas do velho, que foi a ultima vez que fez tal negocio.

X

A cobra e o imbuá (*)

(ALAGÔAS)

Quando Nosso Senhor, no começo do mundo, fazia cousas bonitas, como os passaros e outros animaes, o diabo, que estava de parte, fazia bichos feios, e venenosos, como a cobra, o sapo, os morcegos, etc.

(*) *Iulus terristris* (Fam. *Iuludas*) tem de comprimento 12 a 15 linhas, e 64 a 90 pares de patas.

Desta fórma, quando Deus fez o *imbuá* (*), que é um bichinho innocente e serve de remedio, e que não teve pernas, o diabo fez a cobra e deu-lhe uma immensidade de pernas. Assim mesmo, o imbuá andava mais ligeiro do que a cobra, que mal se arrastava. Mas vendo o imbuá, a cobra teve inveja das pernas do tal bicho, o que desagradou a Deus. Então Nosso Senhor, para castigo, fez com que as pernas da cobra passasse para o imbuá, que hoje só muito devagar move tantas pernas, ao passo que a cobra, logo que se viu sem ellas, deu para correr.

XI

O cachorro, o gato e o rato

(ALAGÔAS)

Quando Deus fez o mundo e creou os animaes, deu uma carta de liberdade ao cachorro, que recebeu a carta e deu ao gato p'ra guardar.

O gato escondeu a carta n'um telhado. Quando foi mais tarde, que o homem sahiu captivando os bichos brutos, quiz captivar tambem o cachorro, que logo disse que tinha carta de liberdade, e foi buscal-a, por que o homem disse que queria ver. Quando pediu a carta, o gato foi ao telhado e não achou; procurou por todos os cantos, e só encontrou uns *taquinhos* della muito miudos n'uns ninhos de rato.

Quando voltou e contou o caso, o cachorro foi-lhe com as unhas e os dentes, que o gato, ligeiro como é, assim mesmo quasi que morre. D'ahi em diante o gato deu p'ra não poupar o causador d'aquillo e ahi está porque o cachorro é inimigo do gato e o gato do rato.

(*) O povo faz delle emplastro, que applica em quebraduras.

XII

O Carrapato (*)

(ALAGÔAS)

De primeiro o carrapato, que tinha os seus *possuidos*, botou uma venda e poz-se a negociar. Não tardou que tivesse uma grande freguezia, porque o tal negociante não fazia questão de vender fiado. Desta fórma cada vez foi tendo mais freguezia, mas o diabo era que não ia recebendo os pagamentos. Tanto vendeu, no final de contas, até que quebrou, e ahi tratou de receber o que lhe deviam. Poz-se a procurar os devedores por todos os meios e modos, e nada; chegou a ficar abandonado o caminho da venda. Elle então, que já não possuia outros recursos, e que tinha tantos devedores que não os conhecia mais, sahiu cobrando de todo o mundo.

Está porque o tal bichinho não vê ser vivente, que não se agarre com elle.

XIII

A garça preta

(ALAGÔAS)

Era uma feita um reino, e havia no reino um buraco, que o rei mandou muitas vezes os pedreiros tapar, e de todas as vezes amanhecia o buraco destapado. Afinal o rei se desenganou, e pegou em mandar pessoas ir ver se davam com o fim do buraco, e acontecia que as pessoas que iam não voltavam mais. Já fazia tempo que o rei tinha deixado tambem disto, quando o filho de um ferreiro, estando conversando com outros rapazes, disse por brincadeira que se fosse elle ia ao fim do buraco e voltava para dar noticia.

(*) Insecto Anophuros Ricinus.

Foram logo dizer ao rei o que o filho do ferreiro tinha dito, e o rei mandou chamal-o e perguntou: "Tu disseste que te atrevias a ir até o fim do buraco e voltar para dar noticia?" Senhor, eu disse isto foi brincando; mas se rei meu senhor manda, eu irei e tenho esperança de voltar e dar noticia." Então o rei disse *a elle* que se apromptasse e fosse, e o rapaz no outro dia bem cedinho chegou no palacio com um surrão nas costas. O rei foi tambem até a entrada do buraco, e o filho do ferreiro, quando se encobriu do povo que o tinha ido ver entrar, avistou logo um campo e mais adiante um palacio muito grande e muito bonito, e caminhou para elle com vistas de se informar. Chegando no palacio achou as portas abertas, mas não viu uma só pessoa; bateu na porta, chamou, foi o mesmo que nada.

Então subiu até o segundo andar sem lhe apparecer ninguem, e deu n'um salão, onde havia instrumentos de todas as qualidades e o mais que era necessario, e encostou o surrão n'um canto e poz-se a tocar um bocado de musica nos instrumentos. Depois pegou n'um livro, deitou-se n'uma rede que estava armada e poz-se a ler.

Quando foi hora de almoço, ouviu umas pisadas em direitura da rede, mas não descobriu ninguem e só viu uns *manguitos* amarellos chegar junto da rede e voltar. D'ahi a pouco elle ouviu ainda as pisadas e estes *manguitos* chegar e voltar de novo. Na terceira vez elle levantou-se e acompanhou os *manguitos*, e encontrou uma mesa que estava *atupetada* de toda a especie de manjar. Elle almoçou e voltou para a sala.

Na hora de jantar tornou a ouvir as pisadas e a ver os *manguitos*, e encontrou a mesa posta; quando anoiteceu, ceiou da mesma maneira.

Na hora de dormir ouviu as pisadas e viu os mesmos *manguitos* amarellos chegar perto delle com uma luz e voltar. Elle acompanhou e entrou n'um

quarto, onde estava a cama prompta, e achou agua para banho e roupa para mudar, e uma luz em cima d'uma mesinha. Tomou banho, vestiu a roupa que estava no quarto e deitou-se.

Assim que deitou-se, a luz se apagou, e elle ouviu logo umas pisadas e o que dava as pisadas tirar sete saias e se deitar no canto da cama; elle ficou com medo, e passou a noite que nem se boliu.

No dia seguinte elle continuou a ouvir as pisadas e a ver os *manguitos*, mas os *manguitos* desta occasião em vez de ser amarellos eram azues, e passou como no dia anterior.

De noite, quando chegou no quarto, encontrou as mesmas cousas, mas se o quarto da noite passada estava bem preparado, o desta noite ainda estava mais. Tomou banho, mudou a roupa, e quando se deitou e a luz se apagou, ouviu logo umas pisadas e o que dava as mesmas pisadas desatar sete saias e deitar-se no canto da cama.

Esta noite elle se moveu e teve vontade de saber se era gente que acabava de se deitar, mas ficou nisto.

Amanheceu o dia e ainda continuou a ouvir pisadas, mas neste dia em vez dos *manguitos* ser dos amarellos ou azues, foi dos *manguitos* verdes. De noite, quando chegou ao quarto, si o da noite passada era de muito luxo, o desta dizia arreda, e era de muito mais. Depois de tomar banho, vestir-se e de se deitar, ouviu pisadas, e quem as dava desatou sete saias e se deitou no canto da cama.

Elle disse comsigo que esta noite havia de saber o que era aquillo, estendeu o braço e encontrou uma pessoa, que reconheceu ser uma moça.

Quando amanheceu o dia, ouviu tocar clarim, tambor e mais instrumentos, e chegando a uma janella viu que estava n'uma grande cidade.

Esteve ainda uns dias no palacio e ao depois disse á moça que queria ir ao reino d'onde tinha

vindo. A moça fez opposição a isto, mas elle insistiu, dizendo que tinha promettido voltar. Ella foi e disse: "Está bom. Toma estas tres rosas e entrega ao teu rei, mas dize que só viste um jardim d'onde tiraste estas tres rosas, e não digas nada a ninguem. Toma ainda bem sentido, si fores á casa de algum parente ou amigo, de não te entreteres até o cavallo rinchar tres vezes, que então estará tudo perdido."

No outro dia, logo de manhã, o moço viu na porta um cavallo muito bonito e muito bem arreiado, preparou-se, montou a cavallo, chegou no reino e foi logo entregar ao rei as tres rosas.

O rei conheceu que no reino delle não havia daquellas rosas, e perguntou o que tinha visto mais, e o moço respondeu que sómente o jardim onde achou as rosas, e despediu-se para ir á casa do pai.

Chegando lá, assim que a mãi o viu, ficou muito contente, sentou-se, deitou a cabeça delle na perna, e poz-se a catar piolhos e a fazer uma porção de perguntas.

Neste *entrequanto* o cavallo rinchou e elle quiz levantar-se para ir-se embora, mas a mãi pediu-lhe que conversasse mais um bocadinho.

O cavallo depois tornou a rinchar, e o moço quiz ir-se embora, mas ainda demorou-se, e já hia pegando no somno quando o cavallo rinchou pela terceira vez. Nisto elle se levantou, e viu que o cavallo já estava enterrado até o meio da barriga. Elle suspendeu o cavallo, montou-se, e quando chegou no outro reino só viu o palacio. Entrou Quando chegou na sala ouviu uma voz que disse: "Ah! ingrato, que me dobraste o encanto por toda a vida. Só o que via era o seu surrão, que estava no canto onde tinha botado. Deu garra do surrão, e foi para a escada para sahir, mas não viu escada nem mais nada por onde podesse descer. Pensando em ficar sósinho naquelle palacio até morrer de fome, lembrou-se de rasgar o surrão e a roupa e fazer uma corda para descer por ella.

Fez a corda e foi descendo, até que, chegando ao fim da corda, salta em baixo e leva um bom *quedaço*. Levanta-se e vai procurar sahida para o outro reino, mas não acha. Ficou alli naquelle deserto. Um dia andando pelo campo, avistou tres caboclos e dirigiu-se para a banda delles. Mas os caboclos, assim que o viram, arrancaram na carreira e o moço correu atraz. Os caboclos, assim que andaram um bom pedaço, esbarraram, mas vendo que o moço os seguia, tornaram a correr. Adiante esbarraram outra vez, e vendo o ainda o moço, vai um diz: "Ora, homem, elle é um só e nós somos tres. Vamos ver o que elle quer." E esperaram. Quando o moço chegou, contou o que lhe tinha acontecido, e um dos caboclos lhe disse que não sabia de sahida nenhuma para o reino delle, e que, a respeito do que lhe tinha acontecido, achava impossivel que elle ainda conseguisse o que desejava, mas que tomasse o arco e as flechas que lhe dava e fosse aprender a atirar muito bem, que d'ahi a um anno elles voltavam. O rapaz assim fez. Quando passou-se um anno, voltaram os caboclos, e o que tinha fallado perguntou ao moço se já atirava bem, e elle respondeu que já.

Diz o caboclo:

"Pois bem, vamos ver." Foi e botou um ovo de passarinho em cima de um tôco, e mandou elle atirar da distancia de uma legoa para ver se partia o ovo. O moço atirou, e a flecha passou na distancia de mais de uma braça. O caboclo fallou: "Ainda não está bom; vá se exercitando mais, que d'aqui a um anno nós appareceremos de novo." No fim do anno o mesmo caboclo botou outra vez o ovo de passarinho em cima de um tôco, e quando a rapaz atirou da mesma distancia, a flecha faltou pouco para quebrar. O caboclo disse que ainda não estava bom e o moço ficou de novo aprendendo a atirar, e no fim de outro anno quando atirou da distancia de uma legoa, a flecha partiu o ovo pelo meio. Vai o caboclo e diz: "Agora

já arremedeia. Amanhã antes do meio-dia você se ponha detraz de uma moita junto daquelle açude; ao meio-dia ha de vir um bando de garças brancas, e você deixe ellas beber; quando ellas voarem ha de vir um bando de garças pardas, depois de beber hão de voar; ahi hão de vir tres garças pretas, e quando acabar de beber, duas voam e vão-se embora, e uma que tem um collar no pescoço e um coraçãosinho preso no collar, ha de ficar se peneirando no ar; você atire neste coração e veja que não erre; que a garça é a moça de quem me fallou." O rapaz no dia seguinte foi, e viu chegar as garças brancas, que beberam e voaram, vieram depois as garças pardas, e depois que beberam, elle de impaciente, espantou-as; vieram então as tres garças pretas, e quando acabaram de beber duas voaram e foram-se embora, e a que tinha um collar, e no collar um coraçãosinho, ficou peneirando-se no ar. O moço fez alvo no coraçãosinho, disparou a flecha e cahiu com um desmaio. Quando voltou a si estava deitado no collo de uma princeza tão bonita, que ficou pasmado. Casou-se com a princeza e houve uma grande festa.

Entrou por uma porta e sahiu por um vintem; manda dizer rei meu senhor que me conte cem.

XIV

O mellado

(PERNAMBUCO E ALAGÔAS)

Um portuguez possuia um cavallo mellado; mas como pouco havia que estava no Brazil; ainda não sabia que esse era o nome da côr do seu cavallo.

Uma occasião some-se o cavallo do pasto, e elle embrenhou-se nos matagaes o procural-o. Depois de andar bastante encontrou um menino:

— *Biste* por ahi o meu *caballo*? perguntou-lhe elle.

— Acolá adiante encontrei um cavallo mellado, respondeu o pequeno, agora não sei si é de *vosmicê*.

— Ha de ser esse mesmo, responde meio alegre, meio zangado, o dono do animal; mas quem diabo terá sido que mellou o meu *caballo*? !...

XV

O gato escaldado

(PERNAMBUCO E ALAGÔAS)

Um dia um velho tinha-se perdido na matta, quando foi encontrado por uma onça, um gato e um cachorro, que andavam caçando. Como estava magro, os bichos combinaram não matar o velho e leval-o para casa como creado, e foram com elle para uma grota que tinha d'ahi a umas tantas legoas no pé de um serrote. O velho foi servindo aos bichos, até que se aborreceu e resolveu dar cabo dos amos para ir-se embora. Pondo mãos á obra, uma occasião que o gato estava em casa dormindo e os outros bichos andavam fóra, o velho vigiou agua fervendo e despejou em cima do gato, que no mesmo instante acordou-se e sahiu aos pinotes, que sahiu damnado.

Mas tarde chegou a onça, entregou ao velho um quarto de veado para cosinhar, e depois de perguntar pelos outros bichos foi dormir. Quando o velho viu a onça ferrada no somno (não teve duvida), deu garra de um cacete bem pesado, foi devagarinho, e descarregou-lhe uma cacetada na cabeça com tanta força, que a onça sahiu com os dentes quebrados

e aos pulos, dando com a cabeça por páos e por pedras que fazia dó.

Passado outro bocado de tempo appareceu o cachorro, que fez a mesma pergunta e entregou um quarto de pacca, e foi-se deitar. O velho poz um espeto de ferro no fogo, e quando o cachorro pegou no somno enfiou-lhe o espeto d'uma fórma, que o cachorro desesperou-se na carreira arrastando o trazeiro pelo matto a fóra.

No outro dia os tres bichos se encontraram, e o gato vendo a onça com a cabeça ferida, perguntou: "O que foi que lhe aconteceu, comadre onça? A onça respondeu: "Foi que eu hontem estava dormindo, e accordei *de supetão* com uma dor de cabeça e uma dor de dente tão damnada, que sahi doida."

N'isto disse o cachorro que tinha se deitado, e quando accordou-se foi com uma dor de barriga de todos os diabos.

"Pois eu tambem disss o gato, estava dormindo e me acordei com a pelle me ardendo tanto que parecia que estavam me esfolando vivo, mas não foi senão agua quente, porque sahi pingando..." Ahi, pondo-se os bichos a maginar, acabaram descobrindo que a causa de tudo aquillo tinha sido o velho, e para ver o que deviam fazer ajustaram primeiro que o gato fosse espiar o que o velho estava fazendo. O gato foi e a curta distancia da casa escondeu-se atraz de uma moita, vendo se o tal creado apparecia. D'ahi a pouco o velho sahiu para despejar fóra um bocado d'agua, que d'esta vez era fria como agua do pote, e sem pensar mesmo que o gato estava por alli, deu uns passos para o lado da moita. O gato ficou logo alerta, e mal o velho fez menção de atirar a agua desandou para traz, que foi-se desunhando. Quando chegou onde estavam os outros bichos foi dizendo que aquelle velho era endemoniado, pois, apezar de ter ido bem escondido elle dentro da casa viu tudo e atirou-lhe outra vez agua quente.

Os outros bichos não quizeram saber de mais nada, e foram para bem longe. Agora fiquem sabendo porque se diz que *gato escaldado de agua fria tem medo.*

E por esta licção,
Que vale a crôa real,
Só quero que me contem
Uma historia igual

XVI

O portuguez e os maribondos

(PERNAMBUCO E ALAGOAS)

Regressando ao logar de seu nascimento, disse em conversa um portuguez a outro que no Brazil havia um bichinho valentão chamado maribondo, tão pequeno que era de admirar que fizesse medo.

— Ora, homem, respondeu o outro, pois eu tinha medo. Quando eu chegar lá hei de ver isso, e te contarei então.

Dito e feito. Logo que teve occasião, o portuguez um dia armou-se bem e dirigiu-se a uma casa de maribondos.

— Mostra lá agora para o que vales, disse elle partindo a casa dos bichinhos.

No mosmo instante uma nuvem de maribondos envolveu o, e o homem não teve mãos a medir, matando-os. Mas com poucos segundos, não aguentava mais o supplicio.

— Assim não quero eu, isto não é valentia! poz-se então a exclamar. Venha de um em um, e não de punhados!...

XVII

Furundango

(ALAGOAS)

Diz que um homem tinha um filho, e quando morreu deixou poucos haveres. O rapaz em pouco tempo gastou tudo, e quando se viu sem nada lembrou-se de rever uns papeis velhos que o pai tinha deixado, para ver se encontrava alguma cousa de valor.

Depois de ter visto muitos papeis que nada serviam já pensava que não encontrava nada que prestasse, quando deu com uma escriptura, e poz-se a ler. Ahi fica um pouco admirado, e põe-se a pensar: O que quer dizer isto? Eu nunca conheci o meu pai com escravo. E que nome... E diz alto: *Furundongo!*

Quando o moço diz "Furundongo", apparece logo um molecote, e responde: "Inhô?"—"Ah! E' você o Furundongo?"—"Sim sinhô." O rapaz perguntou ao moleque se estava disposto a servil-o, e o moleque respondeu que estava. Então foram correr mundo, e deram em outro reino, cujo rei tinha uma filha, e ficaram morando.

Quando foi um dia, Furundongo perguntou: "Sinhô porque não se casa com a filha do rei?" Vai o rapaz e diz: "Tu estais doido, Furundongo?"—"Ora, sinhô; pois sinhô se prepare, que eu trago hoje a filha do rei."

Furundongo sahiu, e quando foi perto de meia noite veio com a filha do rei e entregou ao senhor. Na noite seguinte a mesma coisa, e assim se passaram umas quatro ou cinco ncites. A moça tinha receio de contar ao pai o que acontecia, mas sempre resolveu-se, e disse ao rei que de noite, quando estava deitada. vinha uma coisa e a carregava para outra casa.

O rei mandou chamar os seus ministros e deu audiencia, e expoz aos ministros o caso que a filha lhe

BIBLIOTECA SENADO FEDERAL

tinha contado. Os ministros aconselharam ao rei que mandasse a filha se prevenir de um giz, e quando o quer que seja fosse sahindo com ella da tal casa, a moça fizesse um risco no portal, para se saber em que casa entrava. O rei disse isto a filha, e na occasião que Furundongo ia outra vez levar a princeza para o palacio, ella fez um risco no portal.

Quando Furundongo voltou para casa, viu o risco, e pegou n'um giz e passou um risco da mesma fórma no portal das outras moradas. O rei sabendo que as casas tinham amanhecido todas com um risco, mandou outra vez chamar todos os ministros e dá audiencia e expõe o que tinha succedido. Os ministros disseram então que isto era arte do diabo, e que a princeza de outra vez fizesse uma cruz no portal. Assim mesmo fez a princeza, e quando Furundongo viu a cruz ficou no meio da rua muito espantado, até que o raprz levantou-se. Então disse ao senhor que estava perdido, e que elle não teve geito que dar porque a princeza tinha feito um garrancho no portal, que até lhe fazia medo entrar na casa.

Os creados do rei já andavam procurando a casa que tinha a cruz e descobriram, e o rei mandou prender o moço. Furundongo, quando o senhor estava preso, foi a grade, e o rapaz pediu-lhe que o soltasse. O moleque respondeu que só soltava se elle lhe désse a sua carta de alforria. O rapaz disse que o soltasse, que elle dava a carta, mas Furundongo respondeu que que queria receber a carta primeiro.

O rapaz fez logo a carta, e quando o moleque recebeu, poz-se a dar saltos e a soltar muitas gargalhadas, dizendo que isto mesmo era o que queria e não se importava que elle fosse enforcado. O rapaz pensou então no que tinha feito, e vai e diz: "Furundongo, dá cá a carta, que ainda falta uma coisa." Furundongo diz: "Eu daria!"—"Pois a carta não serve, que ainda falta a assignatura..."

O moleque ouvindo isto, entregou a carta para

elle assignar, e o rapaz, assim que recebeu, tocou fogo e disse a Furundongo: "Pois sim, não te forro mais!" Furundongo disse: Me forre, que eu faço sinhô casar com a filha do rei."—"Agora só depois de casado." Então o moleque foi se pôr em frente do palacio do rei, e mandou que chovesse polvora. Quando já tinha polvora na cidade toda que dava pela cintura, Furundongo soprou no dedo, e o dedo ficou em braza. Ahi disse ao rei que se não casasse a filha com o senhor, elle acabava com a cidade. O rei mandou buscar a toda a pressa o preso, e rapaz casou-se com a princeza.

CONTOS POPULARES

I

A B C do vaqueiro

(PERNAMBUCO)

Agora, musica minha,
Toma thema pr'a glosar
Sobre a vida do vaqueiro
Já lhe quero relatar.

. . . . . .

Bem conheço já por mim,
Que tambem vaqueiro sou,
Que o aperto dos sapatos
Só sabe quem os calçou.

Chegado o tempo de inverno
Se entrega elle as *vaqueijadas*,
De continuo vão levando
Encontros, quedas e pancadas.

D'esta sorte vão passando
Sempre com a vida incerta,
E quando montam a cavallo
Fica a sepultura certa.

. . . . . .
. . . . . .

Fallem todos os vaqueiros
Certifiquem o que eu digo;
Se sempre de ora em quando
Não se veem nesse perigo.

Grita um pobre vaqueiro
Neste labutar eterno,
Que parece um condemnado
Que grita lá nos infernos.

Homem que tiver vergonha,
Vaqueiro não queira ser,
Que estas fazendas d'agora
Não dão bem pr'a se comer (*)

Infernado de continuo
Desesperado, sem juizo,
Quando entra n'u'a fazenda
Nunca lhe falta inimigo.

. . . . . .
. . . . . .

Labutando em tal serviço,
Sem ter n'elle um só descanço;
Se quer tirar um bezerro
Ha de ser prudente e manso.

Mas apena canta o gallo,
Muitas vezes neblinando,
Logo vai para o curral
Os bezerros arreando.

(*) Esta quadra coincide com a correspondente lettra H no A B C do vaqueiro em tempo de secca, que se encontra nos *Cantos Populares do Brazil*. O que vai publicado collegi no sertão de Pernambuco, a 7 leguas da villa de Papa-caça.

No curral exposto ao frio,
Da vacca puxando os peitos,
Levando coices e pancadas,
Estes são os seus proveitos.

O dono destas fazendas,
Em que o vaqueiro martyrisa,
Se é de darem-lhe a mão
Querem tirar-lhe a camisa.

Patente é o que digo,
Por mim mesmo expr'imentado ;
Quanto mais nos mortificamos
Mais depressa somos logrados.

. . . . . .
. . . . . .

Regalo do pobre vaqueiro
E' leite, coalhada e queijo,
E quando isto se acaba
Outro regalo não vejo.

Sifra que não vale nada,
De que me serve este gosto
Que bem depressa se acaba,
Fica o mesmo desgosto.

Traja só vestes de couro :
Gibão e guarda-peito,
Chapéo, sapato e perneiras ;
Vejam lá que bello *enfeito !* . . . (*)

(*) Enfeite.

Um vicio não póde deixar
O vaqueiro de não ter,
Ou o cachimbo ou o cigarro,
Sinão não quer endoidecer.

. . . . . .
. . . . . .

Zôa uma voz pelo mundo
Que dá lucro a *vaqueirice*,
Mas fica o vaqueiro velho
Sem ter nada na velhice.

II

A B C do inverno nas mattas

(PERNAMBUCO)

A invernada nas mattas
E' peior que uma prisão;
Adoece, aperreia e mata,
Já não é assim o sertão.

Bestas, vaccas e ovelhas
Morrem todas resfriadas,
As proprias caças e abelhas.
Morrem varias atoladas.

Com o principio do inverno
Os ares ficam medonhos,
As noites é um proprio inferno
Passa-se todas em sonhos.

De lamas aguas e atoleiros
Ficam os sitios cercados;
Atolam os proprios terreiros,
Não se póde andar amontado.

E' com u'a grande alegria
Que do sol se vê a cara,
Isto no mez um só dia,
Pois é coisa muito rara.

Frieiras, friezas e sezões
Custa pouco se adquirir,
Hydropesias e inchações
São cousas que já fazem rir.

Grandezas de amarellos,
Isto é cousa de sobra,
Pois nos mezes de inverno
São amarellas até as cobras.

. . . . . .
. . . . . .

I quando o dia amanhece
Não canta um só passarinho,
A's proprias aves aborrece
A frialdade nos ninhos.

Já ao depois de nove horas
E' que se vai ao roçado ;
Perca-se o dia embora
Só se vai bem almoçado.

Kagado d'agua e gias
Não escapam aos taes moços,
E outras mais porcarias
Se compõem os seus almoços.

Lesmas, ostras e estas cousas
Todas vão caçar na praia.
Nas mattas caçam preguiças
E fructas de sapucaia.

Mulheres, moços e homens
Todos fallam do sertão,
Sómente porque lá não comem
Sarapós e camarão.

Não ha bicho que compare
Com as mulheres da praia,
Pois costumam quando parem
Comerem a maldita araia.

Os ricos na mesa botam
A illustrada *ceará*,
E dizem que della gostam
Para assim se desculpar.

Peixes feios e horrendos,
Como o mossú e moreias,
Que quem vê fica tremendo,
Pois não ha cobras tão feias.

. . . . . .
. . . . . .

Raposas e gatto do matto
Não são como os do sertão;
São magros têm carrapatos,
São tolos e moleirão.

Sapatos, isto não se usa,
Só se calça os taes tamancos;
Não se anda sem levar chuva,
Disto não nos livra os santos.

Trovões e as trovoadas
Não são como as do sertão,
São as mais feias zoadas
Só parecem uma visão.

Os bichinhos todos soffrem
Frieiras e mais mazellas,
Quasi todos têm tosses,
Manqueiras e erisipelas.

Veados, tatús e preiás
De magros pega-se a mão,
E as mais caças que lá ha
Não prestam pr'a nada não.

Xupando em seus cachimbos
Vivem continuadamente,
Homens, mulheres e meninos
E passam os dias contentes.

Zangado vive o sertanejo
Quando vem morar na praia;
De pisar na lama tem pejo
Não come moreia e araia.

~ (til) é lettra derradeira
Nella quero concluir,
Que estou cheio que frieiras
Que me empata de dormir.

III

Fuja, povo do sertão (*)

(PERNAMBUCO)

— Oh, amigo de Leandro!
Que em parte somos irmãos,
Vamos tirar este assumpto
Fuja, povo do sertão.

(*) A proposito da secca de 1877.

— Meu mestre Nogueira Velho,
Rompa adiante que eu o acompanho,
Dê talhos como quizer
Que eu dou do mesmo tamanho.

— E' preciso nos mudar
Do sertão onde moramos,
Tera que nós adoramos,
Minha patria natal,
Mas pensando em beira mar
Me entristesse o coração
Sinto dôr, sinto afflição,
Mas nesta terrivel secca
A fome é mais que peca
Fuja, povo do sertão.

— Meu sertão é muito amavel,
Seu clima muito sadio,
Entre o calor entre o frio
Tem um ar muito saudavel,
Mas nesta secca implacavel
Todos façam arrumação
A cavallo, a pé no chão,
Arrumem as suas malotas
Que tudo está em derrota,
Fuja, povo do sertão.

— Do sertão já arribou
A rolinha pajahú,
A rola jaracutú,
Tambem a fogo-pagou,
Canario, e *beja-fulô*,
Marrecos e mergulhão
Soffrer, concliz, azulão,
Até as cobras e feras;
Quem vê isto o que espera?
Fuja, povo do sertão

— Só se ouve cantar coan,
Não se ve um só preá;
Mocó, tatú, tamanduá,
Aza-branca arrebaçam,
Papagaios e maracanan,
Pato, socó e carão
Já fizeram arribação.
Só se ve em Pajehú
Mosquitos, moscas e urubú
Fuja, povo do sertão.

— Meu Deus, grande é o peccado
Deste povo que é teu.
Morto a fome que nem eu
Roto, nú, e esfarrapado,
Em casa nem um bocado,
A procurarem em vão
Na terra, no duro chão
Raiz de pau e semente,
E a morrer muita gente.
Fuja, povo do sertão.

— Fructas de mucunan,
Xiquixiqui e colé,
Feijão *brabo* e catolé,
Macambira, imburiatan,
Ou pau ou pedra, ou cariman,
A parreira (*) e o guardião,
Comendo disto todo o dia
Causa então hydropesia,
Fuja, povo do sertão

— Marchemos a encarar
Entre mil epidemias,
Frialdade e hydropesia.
Que ninguem pode escapar;

(*) Parreira brava.

Deus do sul é Deus de cá,
Deus do nosso pai Adão,
Deus de Jacob, Deus de Abrahão,
Deus que a todos *alumeia*,
Corremos que a morte é feia,
Fuja, povo do sertão

— O homem que Deus lhe deu,
Bens para se remir
Inda póde resistir,
Não um pobre que nem eu.
Oh, Nossa Mãi, Mãi de Deus!
Oh, Mãi de consolacão!
Dai-nos a chuva, dai-nos o pão,
Daï-nos a planta que dá massa (*)
Que nós estamos em desgraça,
Fuja, povo do sertão.

— Deus o Egypto castigou.
E todo o povo teve abrigo
Nos sete annos de castigo
Dalli ninguem se mudou;
Pharaó isto sonhou,
Tirou José da prisão
Delle fez um capitão
Que o povo todo salvou,
Mas sem um tal protector,
Fuja, povo do sertão.

— Por toda parte flagella
A fome e a sede inclemente,
E a desgraça é já na gente
Que nuas descem as donzellas
Mortas a fome e amarellas,
Sem amparo e protecção,

(*) Mandioca.

Com as vistas pelo chão,
E as lagrimas lhe correndo,
Aos que encontram dizendo :
Fuja, povo do sertão.

— A fome é tão canina,
Que ainda sabeis isto quer
Em Pombal uma mulher
Já commeu uma menina !
No sertão de Therezina
Come-se rapozas e cão,
Burros e gavião,
Cobras, lagartas e gias...
Oh, meu Deus quem tal diria !
Fuja, pavo do sertão

— Nós não temos que fazer
Neste termo de amargura,
Só Nossa Mãi Virgem Pura
E' quem nos póde valer.
Devemos pois recorrer
Aquelle immenso Jesus
Que por nós morreu na Cruz ;
Que va Elle em nossa guia
Livrando-nos da epedemia
Para sempre Amem Jesus.

DESCRIPÇÃO

A doação

(ALAGÔAS E PERNAMBUCO)

Um uso dos nossos sertanejos e camponios, rude e sincera prova de dedicação e amizade, que fazia lembrar os excellentes tempos patriarchaes, era o que aquelles punham em pratica em razão dos noivados. Era dias depois das danças e pagodes do costume.

Diremos algumas palavras sobre esta primeira homenagem.

Emquanto uns dos amigos, por disporem de pequenos recursos, dirigiam-se na vespera ao logar em que tinham de residir os noivos, e onde já se tinham feito grandes preparativos para a hospedagem, outros, mais abastados, iam a cavallo para a villa no dia designado, e após o consorcio acompanhavam os recem-casados ao seu domicilio.

Em um soberbo cavallo russo ia o noivo, a esposa á garupa, e um luzido cortejo de cavalleiros occupava vistosamente uma grande extensão da estrada.

Terminava o cortejo o indispensavel cantador, sempre conduzindo a viola e improvisando versos. Via o inspirado cantor um grupo de moças e rapazes que ao lado da estrada assestia ao desfilar do cortejo; logo elevava voz:

Os noivos sahem da igreja
Cheirando a bogarim,
Deixem de inveja, meninas,
Que inveja perdeu Caim.

Vou-me embora, vou andando,
Vou seguindo meu caminho,
Pois estou ouvindo suspiros
De alguem por seu bemzinho.

Si via algum preto em caminho, lá cantava uma quadra mordaz:

Branco é filho de Deus,
Caboclo é seu irmão,
Cabra ainda é parente,
E negro filho de cão.

Quando chegava o alegre bando á residencia dos noivos, um outro numeroso grupo de festeiros recebia-os com effusivas saudações, espoucar de foguetes e salvas de ronqueiras.

Tal cortejo, assim rapidamente esboçado, e tão digno da penna do escriptor que, com tanto primor, tem sido quasi o unico a escrever sobre as tradições nacionaes em fórma descriptiva, o Dr. Mello Moraes Filho, tal cortejo, diziamos, modificava-se quando o casamento era de pessoas abastadas.

Como em tal caso o consorcio celebrava-se em casa dos noivos, era o vigario que vinha acompanhado dos convidados residentes na villa e de parentes e amigos dos contrahentes.

O venerado sacerdote, já satisfeito por ter de receber uma boa quantia pela administração do sacramento, propositalmente sahia cedo, com um pequeno mas selecto cortejo, pois bem sabia que em diversos pontos do caminho era esperado para fazer baptisados, com o que lhe adviriam outras boas esportulas.

Embora, portanto, fizesse diligencia para chegar cedo, sempre demorava-se bastante, com o que fazia os festeiros, que o esperavam, interrogarem-se se o vigario viria ou não naquelle dia. Assim, quando alguem o avistava e dizia — lá vem o *seu* padre — essa

incerteza era substituida por um geral contentamento, e o sacerdote era recebido com enthusiasmo.

Celebrado o casamento, seguia-se a festa, sendo então praxe não cantarem ao desafio os violeiros. Estes começam affavelmente uns *preludios*:

— Amigos e camaradas,
Vamos hoje aqui mostrar
Em versos bem consoantes
O nosso dom de cantar.

— Mostrarei a esta gente
Todo o meu valor e brio,
Embora hoje não vença
Cantadores em desafio.

Antes que estes preludios se transformassem em desafio, que sempre fazia os cantores se ameaçarem, algum dos parentes mais proximos dos noivos conseguia que os violeiros se occupassem de outras cantigas, como *abecês* e romances. Era tambem muito frequente a presença d'um *dansarino de corda*, individuo conhecedor d'essas paragens, que muito divertia as pessoas presentes mesmo com a narração de contos, durante a qual imitava n'uma rabeca, que sabia tocar *de orelha*, as vozes de diversas aves e animaes. Dansava-se tambem com grande animação.

Depois de um lauto almoço no dia seguinte, era que os convidados tratavam de regressar ás suas casas, ficando assentado que d'ahi a oito dias se reuniriam todos com suas ferramentas para a grande *derruba* e *broca* do roçado que devia pertencer aos noivos, o que constituia a doação.

Na vespera do dia marcado vinham chegando os *doadeiros*, munidos de machados e foices.

Quando era noite o logar tomava a semelhança de um acampamento de exercito. No terraço da casa,

e por toda a circumvisinhança, armavam-se redes; em toda a extensão do terreiro desenrolavam-se esteiras, que os trabalhadores occupavam, entretendo-se em conversas até adormecerem.

No interior da casa, toda a noite desse dia era passada em assiduos labores, pois tinham de dar ceia e no dia seguinte almoço e jantar aos numerosos *doadeiros*.

Para a bôa ordem dos trabalhos attinentes á doação, havia um director, cujas ordens e instrucções todos observavam, e que logo pela quebrada das barras do dia vinha para o meio do terreiro com um garrafão de aguardente, exclamando:

— Oh, gente dorminhoca! Venham a canninha! venham fechar o corpo e espalhar o somno!

Todos se erguiam. Um coité com aguardente passava de mão em mão, e voltava ao director, que o enchia novamente, recommendando-lhes:

— Ainda temos mais; porém não se enterrem muito nesta agua não, que quando não mata maltrata.

Depois o director mandava uns vinte mais ou menos almoçarem logo, explicando que almoçariam por grupos, não só por falta de logares á mesa, como tambem de pratos e talheres. Acabando de almoçar, o primeiro grupo ia logo dar começo á *derruba*. Afinal seguia o ultimo, de que fazia parte o director. Assim antes das oito horas da manhã, mais de cem pessoas já se entregavam activamente á derrubada.

D'esta fórma podia-se ver a rapida devastação de uma grande extensão de matta ou de espesso cantigal onde floresceriam mais tarde o algodoal, o milharal e outras plantações.

A principio espalhados por toda a extensão da área marcada, grupos movediços faziam-se notar pelas cantigas, pelos golpes dos machados, pelo *varrer* das foices, pela queda de pesadas arvores, pelos eccos que multiplicavam esse fragor,

No afan de logo reunirem-se, não diminuia nunca

o vigor na derrubada, e os grandes vegetaes tombavam, emquanto iam cantando os lavradores:

Machado bom não se amola,
Em cortar é que se afia,
Cortando brahuna e páo-ferro
A qualquer hora do dia.

Não davam então importancia a crença de que para o meio-dia conviria deixar o córte das madeiras resistentes por se acharem nessa hora mais brandas.

Era depois das doze horas da manhã, ou quando o sol descambava, na phrase dos lavradores que os grupos approximavam-se. As duas ou tres da tarde, já os doadores de um grupo conseguiam alegremente trabalhar cantando ao desafio com doadores de um outro grupo. Mais tarde, afinal, um indiscriptivel enthusiasmo, viva aos noivos, gritos de *viva todos os presentes*, alvoroçavam as pessoas encarregadas do jantar dos *doadeiros*, que assim annunciavam a conclusão da *derruba*. Conversavam depois os trabalhadores sobre o grande labor effectuado, que era para o mesmo pessoal só fazer em tres ou quatro dias. Cada qual contava em seguida o seu episodio, e por fim, depois de meia hora mais ou menos todos voltavam a casa dos noivos, onde os grupos succediam-se no jantar como o haviam feito no almoço, constituindo os primeiros os que nesse mesmo dia pretendiam retirar-se.

Oito ou dez dias depois ainda mandavam os fazendeiros visinhos aos seus escravos que fossem fazer o *encoivaramento* do roçado, só ficando, portanto, ao proprietario o cuidado do plantio. Sendo a doação um premio as pessoas dignas de estima, não se fazia a doação aos que se casavam contra a vontade dos pais.

Esse uso, hoje abolido, mostra que nenhum trabalho é pesado, desde que seja feito com satisfação.

BREVE OBSERVAÇÃO

Iniciando a publicação, das differentes especies de tradições que temos collegido, apparece hoje este pequeno subsidio ao estudo do nosso *folk-lore*.

Insistir em apresentar logo uma obra volumosa, seria retardar consideravelmente a realisação da nossa despretenciosa empreza. Com tudo, as producções populares de que pretendiamos compor exclusivamente este volume, já reunimos outras mais, accrescentamos-lhe mesmo algumas poesias do povo, o que, não indo de encontro a indole do livro, torna-o mais variado.

Publicamos essas poesias do modo como são ditas pelo povo; e as anecdotas e contos narramos da mesma fórma. Não nos preoccupamos com a divisão dessas producções pelo elemento europeu, pelo indigina e pelo africano e mestiço, adoptada pelo illustre autor dos *Contos populares do Brazil*, porque ao leitor, em face da referida classificação, será facil indicar a origem das mesmas tradições. Quando as anecdotas particularmente, aventuramos algumas considerações.

Da rivalidade entre as raças estabelecidas no Brazil, devem ter resultado, ao ser usado o espirito como arma, as lendas satyricas acerca de cada uma dellas: as anecdotas sobre portuguezes, caboclos e africanos. (*)

As anecdotas sobre caboclos, denominação esta que comprehende não só o indigina, mas ainda o des-

---

(*) Existem anecdotas, menos espalhadas, sobre soldados, frades e estudantes, e algumas sobre inglezes tem-se tornado mais ou menos populares.

cendente mestiço tanto do indigina, como do africano, vê-se terem sido satyras que attingiram os aborigens e tambem os mestiços, embora mais a uns do que a outros.

A creação das anecdotas—é facil deduzil-o, tendo em attenção a cultura e a condição das diversas raças e excluindo, portanto, os africanos e indiginas deve-se aos brancos e aos mestiços: aos brancos, a creação das anecdotas sobre africanos e caboclos, sendo talvez auxiliados por mestiços nas anecdotas sobre africanos; aos mestiços tambem talvez auxiliados por brancos, a creação das anecdotas sobre portuguezes. Outra qualquer influencia (como a dos mestiços em anecdotas que se refiram unicamente aos aborigens), a ter havido devera ter sido insignificante.

A muitas anecdotas sobre caboclos e portuguezes, e outras anecdotas e contos e a diversas poesias populares, daremos publicidade em outro volume logo que nos for possivel.

Tambem o nosso intento é não deixarmos reduzir-se ao trabalho de collegil-as o apreço que desde muito votamos ás fantazias populares.

CORRIGENDA

Pag.	*Onde se lê:*	*Leia-se*
12	tinha filha	tinha uma filha
61	e rapaz	e o rapaz
63	Contos populares	Cantos populares

Ainda ha outros erros de pequena importancia que serão, com facilidade, corrigidos pelo leitor intelligente.